



TEATRO BRINQUEDO  
 JOÃO SINHO ANDA pra TRÁS  
 DE BRASÍLIA PARA O RECIFE  
 TIO JUCA  
 Nos intervalos de cada espetáculo, TIO JUCA está divertindo as crianças do Recife, com um mundo de atrações: BRINDES! SORTEIOS! CONCURSOS!

TEATRO SANTA ISABEL  
 Setembro de 1957  
 ALFREDO DE OLIVEIRA  
 apresenta  
**O MEDROSO**  
 peça em 3 atos, original de Gracy Mello, com diálogos de Miroel Silveira pelo

# TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – 60 Anos de História no Século XX

Leidson Ferraz

ela de Belém  
 SA HASBUM  
 classe  
 0-1.º andar

AQUARIUS  
**Ce**  
 DE MARILU ALVAREZ  
 DIREÇÃO: JOSÉ MA  
**TEATRO DE SANTA ISABEL**  
 gráfica Pematra  
 Rua Vitor da Gama, 271  
 Fone: 224-4464 Recife  
 APOIO: MINISTÉRIO DA CULTURA - INSTITUTO NACIONAL DE

**Teatro MARROCOS**  
 ÚLTIMA SEMANA  
 Companhia Internacional de Marionetas  
**HOJE**  
 às 20,30, Soirée  
 Vespertal às 16 hs.  
 VERDADEIRA CONSAGRAÇÃO INTERNACIONAL  
 MAIS ORIGINAL ESPETÁCULO DE CRIANÇAS DO MUNDO !!!  
 QUINTAS E SÁBADOS VESPERTAIS ÀS 16 HORAS  
 AOS DOMINGOS  
 VESPERTAL ÀS 16 HORAS

**TEATRO PARA  
CRIANÇAS NO  
RECIFE** – *60 Anos de História  
no Século XX*

Leidson Ferraz

Incentivo:

**FUN CULTURA**



Secretaria de  
Cultura



**PERNAMBUCO**  
GOVERNO DO ESTADO



Este trabalho tem a pretensão de salvar de uma certa morte parte da história teatral para crianças no Recife, reunindo momentos lúdicos, intensos, belos, equivocados, dramáticos e corajosos de tantas vidas. A começar daqueles que deixaram rastros de uma memória mínima, colhida em matérias de jornal ou raros programas de espetáculos. Por simplesmente terem tentado fazer algo com imaginação, coragem, respeito e amor à infância, ainda que alguns nem expressem tanto em suas produções, meu desejo é que nas linhas desta pesquisa continuem a existir ou simplesmente resistir ao esquecimento.

Recife, dezembro de 2013.





Agradeço aos que fazem o Funcultura, Arquivo Público Estadual de Pernambuco e a todos os artistas que me ajudaram com informações ou material de seus acervos. Dedico esta pesquisa a minha mãe, Luzinete de Castro Ferraz, que cultivou minha infância com tamanho zelo, e, em memória, a alguns amigos do teatro que estariam bem felizes com a conclusão de tamanha empreitada, Marco Camarotti, Luiz Souza, Carlos Salles e Bobby Mergulhão.

**Leidson Ferraz**

Ator, jornalista e pesquisador teatral





## **Ficha técnica**

### **Texto, pesquisa, organização, edição e proponente cultural**

Leidson Ferraz

### **Assistentes de pesquisa**

Denni Sales

Elivânia Araújo

Mônica Maria

### **Revisão**

Leidson Ferraz

Rodrigo Dourado

### **Projeto gráfico e diagramação**

Claudio Lira

### **Coordenação administrativa**

Laurecília Ferraz

Nenhuma matéria jornalística está aqui reproduzida na íntegra, tendo todas as suas fontes, sem exceção, devidamente registradas, como respeito ao direito autoral das mesmas.

Este material é totalmente gratuito, não sendo permitida sua comercialização.

Contato: [leidson.ferraz@gmail.com](mailto:leidson.ferraz@gmail.com)



# ANOS 1970



Mamulengo Só-Riso

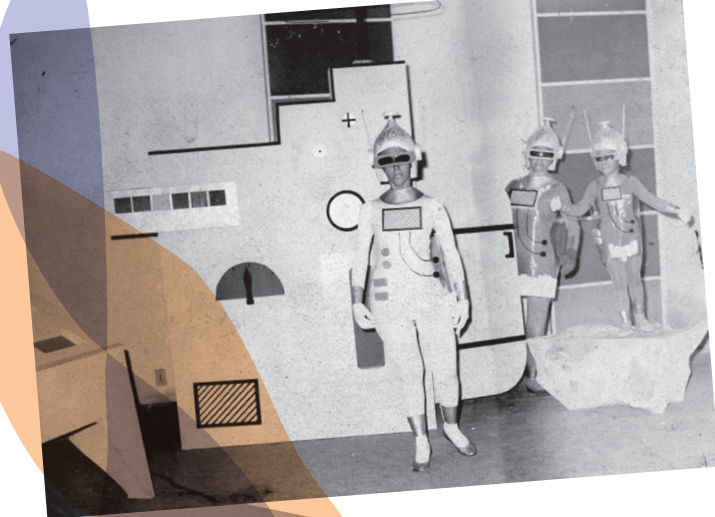


A década de 1970 pode ser considerada um período de timidez decrescente do teatro para a infância no Recife, algo que resultou no grande *boom* de realizações dos anos 1980. Mesmo com os amadores ainda dominando o mercado, a profissionalização do setor foi acontecendo paulatinamente e, no segmento para a infância, o Clube de Teatro Infantil liderava em quantidade de produções. Há quem diga que o produtor, diretor, ator, dramaturgo e iluminador Leandro Filho – que assumiu o grupo com a ida do diretor Otto Prado para o Rio de Janeiro em 1975 – criava espetáculos num *piscar de olhos*, reaproveitando o que podia de montagens anteriores, mesmo assim com resultados impressionantes de público fiel. Paralelamente, surgiram outros espetáculos vitoriosos na época, na sua maioria em produção modesta, fruto do trabalho de equipes em momento que o teatro de grupo estava ascendendo politicamente.

Na realidade, não foram tantas as produções teatrais com foco na criança nos anos iniciais da década de 1970, quase sempre de coletivos que não mantiveram sequência de repertório

por longo tempo. Foi o caso, por exemplo, do elogiado Grupo Piolin, que trouxe à cena apenas duas montagens infantis, *A Lesma*, o *Caracol* e o *Porco Espinho* e *Pedacinho de Lua*, e desapareceu do mercado teatral. Outros, no entanto, continuam na ativa até hoje, pela continuidade de trabalho do seu líder, como o Mamulengo Só-Riso, com Fernando Augusto Gonçalves à frente. O grupo surgiu em 1975 e, além de montagens adultas, ofereceu opções específicas à meninada, ainda que suas encenações mantenham, até hoje, o caráter de festa popular para todas as idades.

Fundado em 1969, o Teatroneco foi outro que, até o início da década de 1990, ainda continuou na ativa, com recorde de realizações junto ao Clube de Teatro Infantil. Já o Grupo de Teatro Canto Livre, sob o comando do educador João Ferreira desde 1977, encerrou as atividades em 2007, mas tem planos para uma volta em breve. Ainda atuante desde 1978 (ano de fundação, com 1ª estreia em 1979), o Grupo Pipoquinha, da atriz, diretora e musicista Fátima Marinho. Naquele momento, a fantasia ainda era a mola mestra das tramas levadas à cena e quase todas as peças do período ainda investiam na humani-



Visitantes do Espaço

zação de bichos, com uso de máscaras constantes, como no Clube de Teatro Infantil.

Das equipes que surgiram e desapareceram ainda na década de 1970, o Grupo Pinóia, o Teatro Infantil de Casa Caiada e o Teatro Ambiente do MAC (com uma única experiência no gênero) foram promessas para um teatro realizado com cuidado de produção e temáticas menos tradicionais. Vale destacar que, em 1976, foi fundada a Fetape (Federação do Teatro Amador de Pernambuco, hoje Feteape, não mais com o termo “amador” e praticamente inativa), o que possibilitou uma mobilização cada vez maior entre os artistas, inclusive em nível nacional. Os intercâmbios, então, favoreceram uma melhoria nas realizações cênicas, com explosão de grupos iniciantes, inclusive de shows infantis criticados pela imprensa, no final da década de 1970.

Sendo o ano inicial daquele período de ebulições, 1970 ainda foi bem fraco nas opções de teatro para a meninada. Das poucas estreias re-

alizadas, destaque para *O Flautim Mágico*, de Hugo Martins, e *Visitantes do Espaço*, de Otto Prado, duas produções do Clube de Teatro Infantil, ambas sob direção do próprio Otto Prado, que foi engatilhando cada vez mais montagens. Na 1ª, estavam os atores Leandro Filho, Maria Salete, Agenor Coutinho, Alna Prado, Albenis Amaral, Augusto César e Gracita Cavendish. Na 2ª, além dos quatro últimos, Renato Lins, Ilza Cavalcanti e Eleonora Prado, filha do casal Otto e Alna. No segmento para adultos, vale destacar os elogios para *Jesus de Novo*, com direção de Marcus Siqueira, no grupo Teatro Novo, e a polêmica montagem de *Buum*, pelo Teatro Popular do Nordeste, sob direção de José Pimentel, trabalho que encerrou as atividades da casa de espetáculos TPN, na avenida Conde da Boa Vista. Ainda em 1970, o Teatro Equipe do Recife comemorou vinte anos de atividade.

Voltando às produções para crianças, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato foi uma das atrações do Teatro Infantil da I Febrac – Feira Brasileira da Criança, que aconteceu de 18 de dezembro de 1970 a 17 de janeiro de 1971, no Recife. O grupo levou como espetáculo um “pout pourrit” de temas folclóricos do Brasil, já apresentado de Norte a Sul do país, segundo



o cronista teatral Adeth Leite no *Diário de Pernambuco* (12 de janeiro de 1971), “visando sobretudo despertar na criança o gosto pelo ritmo e pelos temas da verdadeira música brasileira”. Também na linguagem do teatro de bonecos, o espetáculo infantil *Piccolo Show*, com texto de Ayres Leite, direção da radialista e atriz Cláutenes Andrade e músicas de vários autores, mesmo criticado por conta de suas apresentações no Teatro Marrocos – após passar por clubes, colégios e residências –, fez sucesso em Fortaleza, na sede do Clube Náutico Atlético Cearense. Por conta disto, no *Diário de Pernambuco* (31 de dezembro de 1970), Adeth Leite lembrou a máxima de que “santo da terra não faz milagre”:



Piccolo Show

Durante noventa minutos, os sócios mirins do Náutico deliciaram-se com as peripécias de vários e famosos personagens de Walt Disney, tais como Mickey Mouse, Pato Donald, Zé Carioca, Gato de Botas, Pinóquio, Lobo Mau, Tia Onça, Dr. Bode, Branca de Neve e os Sete Anões e Chapéuzinho (sic) Vermelho. Dançando, as figuras, num total de 18 bonecos, realizaram um aplaudido espetáculo, dentro do lema: “Brincamos, aprendemos e ajudamos”.

Como um teatro em fase de conclusão, o Nosso Teatro, a sonhada casa de espetáculos do Teatro de Amadores de Pernambuco foi inaugura-



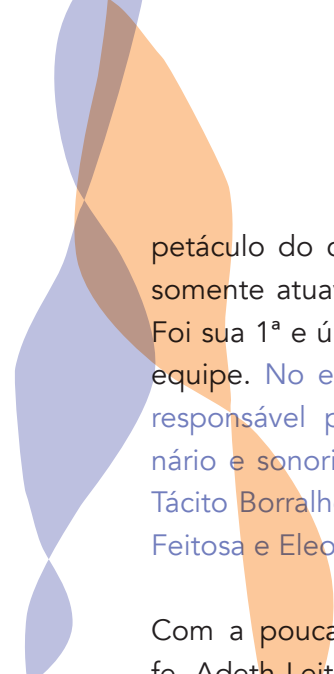
Alice no País das Maravilhas

da em 23 de maio de 1971. Neste mesmo ano, o Clube de Teatro Infantil produziu três novas peças que serviram para a formação teatral de inúmeras crianças que visitavam o Teatro do Parque, quartel general da equipe liderada por Otto Prado, Alna Prado e Leandro Filho. Foram dois novos textos escritos por Otto Prado, *Alice no País das Maravilhas* (com direção dele, tendo os atores Alna Prado, Roberto Ramos, Eliezer Ataíde, Ilza Cavalcanti, Rejane Siqueira, Augusto César, Albenis Amaral, Tácito Borralho, Eraldo Ramos, Eleonora Prado, Rogéria Feitosa, Maria Emília e Isabel – as duas últimas sem registro do sobrenome) e *Os Três Palhacinhos*; além de *O Ratinho Preguiçoso*, de Leandro Filho (nesse último, sob direção de Otto Prado, atuaram Gracita Cavendish, Ozita Araújo, Eliezer Ataíde e Agenor Coutinho). Em setembro daquele ano, a montagem de *Os Três Palhacinhos* marcou a estreia de Alna Prado como diretora de um es-

O Ratinho Preguiçoso







petáculo do conjunto, no qual, até então, ela somente atuava ou assumia a direção de arte. Foi sua 1ª e última experiência nesta função na equipe. No elenco, além da própria, também responsável pelos figurinos, maquiagem, cenário e sonorizações, estavam Albenis Amaral, Tácito Borralho, Ivo José e as meninas Rogéria Feitosa e Eleonora Prado.

Com a pouca movimentação cênica no Recife, Adeth Leite, que mantinha a coluna *Teatro, Quase Sempre* no *Diário de Pernambuco*, reclamou bastante da situação. Sem assunto sobre questões cênicas locais, ele, em variados artigos, tratava de produções teatrais de outros estados, como Rio de Janeiro e Paraná; do estrangeiro, de prêmios literários, filmes, shows musicais, balés, crises econômicas e políticas, da Censura, de cheias no Recife, como as duas acontecidas em 1970; e até de “encontro de brotos” em clubes sociais e casamentos. Neste período, o Teatro de Santa Isabel estava, mais uma vez, fechado para breve reforma. No recém lançado *Nosso Teatro*, paralelo à temporada da peça adulta do Teatro de Amadores de Pernambuco, *O Caso dos 10 Negrinhos*, de Agatha Christie, dirigida por Valdemar de Oliveira (um grande sucesso do ano), o artista Ricardo Bandeira reviveu Chaplin no espetáculo de teatro infantil *Carlitos No Circo*, aos domingos, às 10h30. No mesmo período, na cidade de Garanhuns, foi fundado o Grupo Aprendizagem, sob direção de Dom Geraldo Wanderley, com sede no Centro Cultural de Garanhuns e apresentação da comédia infantil *O Côrvo e a Raposa*, de Coêlho Neto. No Recife, com a temporada teatral em baixa, quem fazia sucesso era o Circo Nazionale d'Itália, com vesperais e matinais superlotadas pelo público mirim. Adeth Leite pontuou no *Diário de Pernambuco* (18 de dezembro de 1971):

Um fato que tem chamado a atenção de quantos têm comparecido ao Circo

Orlando Orfei é o fato de não haver durante o espetáculo nenhum momento em que a platéia se sinta encabulada com ditos pornográficos com gestos comprometedores (aliás muito familiares em certas funções circenses que por aqui têm sido exibidas). O espetáculo é limpo, humorado e seus números apresentados são bem interpretados, quer pelos seus atores, quer ser pelo seu amestramento de seus animais.

Para o teatro, de fato, o período não era nada favorável. Adeth Leite analisou a situação no *Diário de Pernambuco* (17 de dezembro de 1971):

Parece que no Recife a tendência é acabar com o movimento teatral. Duas excelentes casas de espetáculos sumiram do roteiro artístico da cidade: o “Teatro de Arena”, e em seguida, o “Teatro Popular do Nordeste”, o que é mais singular. (...) A queda brusca das citadas casas de espetáculos não tem outra causa senão a falta de apoio dos governos estadual e municipal e, principalmente, a ausência do público (...). Por outro lado, o “Barracão do Barreto Júnior”, Teatro Marrocos, ao que tudo indica também vai desaparecer da vida da cidade. Por aniquilamento total, talvez, da parte do seu proprietário, o ator-empresário Barreto Júnior, que não soube ou não quis selecionar entre avalanche de arrendatários que ali aportaram sem qualquer gosto artístico, visando apenas a agradar a certa camada do público e cedendo a todas as concessões. O resultado é que o “Teatro Marrocos” está de “fôgo morto há quatorze longos meses e não há notícia positiva de sua restauração, tudo indicando que vai ter o mesmo

destino dos outros Teatros citados no início desta nota. O quarto trimestre artístico do Recife foi de uma nulidade a toda prova, ressaltando apenas uma única e honrosa exceção: a montagem do elenco do Teatro de Amadores de Pernambuco, com o texto de Agatha Christie “O caso dos dez negrinhos”.

Se no Recife a situação dos palcos não era nada boa, a cidade de Caruaru chamou a atenção da mídia com a realização, de 15 a 22 de janeiro de 1972, do I Festival Nacional de Teatro Amador de Caruaru, liderado pelo diretor e dramaturgo Vital Santos, do Grupo de Cultura Teatral, à frente deste evento que ocupou o então inacabado Teatro João Lyra Filho. O patrocínio era da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal. Participaram grupos locais como o Teatro Amador de Caruaru e o Teatro da Universidade do Agreste; além de montagens do Recife, Natal, João Pessoa, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Antonina (Paraná) e Goiânia, mas nenhuma peça para criança foi integrada à grade.

Na capital pernambucana, ainda no início de 1972, o produtor Otto Prado anunciou nova montagem do Clube de Teatro Infantil, *O Macaco Bom de Bola*, com direção dele e texto de Leandro Filho (outra versão da obra foi realizada em 1978, desta vez dirigida pelo próprio autor). A estreia se deu no dia 26 de fevereiro de 1972, às 16h30, cumprindo temporada aos sábados, no Teatro do Parque. “O texto é digestivo, humorado e movimentado e seguindo tanto quanto possível a linha de teatro educativo”, escreveu Adeth Leite no *Diário de Pernambuco* (25 de janeiro de 1972). **No elenco, Renato Lins, Maria Emília, Inalda Silvestre, Gracita Cavendish, Augusto César, Everardo Sena (também responsável pela música) e Helena Rego. Os figurinos e maquiagens foram concebidos por Alna Prado, com cenário dela**

**em parceria com Otto Prado, Jair Miranda e Antônio José, o Zezinho.**

Filhos da atriz e figurinista Diva Pacheco, Robinho e Paschoal Pacheco, de oito e seis anos respectivamente, ao assistirem um agonizante circo mambembe na Vila de Fazenda Nova em 1972, segundo o *Suplemento Infantil do Diário de Pernambuco* (8 de dezembro de 1972), montaram um circo próprio dentro das muralhas da Nova Jerusalém. “Passaram pomada na cara, botaram crianças no poleiro e no picadeiro, fizeram suas mambembadas”, registrou a publicação. Assim nasceu *O Circo da Raposa Malhada*. Já o ator e diretor Lúcio Lombardi, em entrevista a esta pesquisa (16 de junho de 2013), complementou:

A ideia pegou quando Diva Pacheco integrou o elenco de um circo de roda mambembe (sem lona), muito pobre, que chegou a Fazenda Nova e o produtor Plínio Pacheco, seu marido e pai dos meninos, resolveu lançar definitivamente um circo próprio, em caráter profissional.

O Circo da Raposa Malhada



Foi desta forma que *O Circo da Raposa Malhada* contou com a participação de diversos artistas circenses convidados e amigos atores da Nova Jerusalém – Robinho e Paschoal participando nos entreatos. A presença de professores e estudantes dos níveis primário e médio era constante nos espetáculos, com ingressos sempre a preços populares. No 1º ato do espetáculo, de variedades, participavam palhaços (os atores João Ferreira e Evandro Campelo assumiram tais papéis), acrobatas, “come-fogo”, trapezistas e outras figuras populares. Em seguida, era encenada a peça *Lampião no Inferno* ou *A Vitória do Padre Cícero Sobre os Poderes de Satanás*, de autoria de Jairo Lima, que buscou inspiração na literatura de cordel nordestina e foi escrita especialmente para esta programação.

Ainda segundo Lúcio Lombardi, que dirigia o espetáculo, foram várias apresentações d’*O Circo da Raposa Malhada* dentro das muralhas da Nova Jerusalém, “algumas inclusive em itinerância pelas cidades de Vitória de Santo Antão, Gravatá, Bezerros, Caruaru, Garanhuns, Arcoverde e Recife, nos finais de semana”. Uma 2ª peça foi programada, *Cancão de Fogo*, do mesmo Jairo Lima e inédita até então, mas ainda durante os ensaios, o circo foi suspenso pelo produtor Plínio Pacheco. Lombardi acha que por conta da falta de apoio financeiro, já que todos recebiam profissionalmente; os custos eram altos e os valores dos ingressos, a preços bem populares, não cobriam as enormes despesas.

Em dezembro de 1972, alunos de escolas particulares e cursos de dança apresentaram-se no Nosso Teatro. Os estudantes de *ballet* do Instituto Maria Santíssima e do Clube Náutico Capibaribe, sob a direção de Monica Japisassú, por exemplo, representaram *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, e *O Gato de Botas*, de Charles Perrault; enquanto que no Teatro do Parque, em caráter profissional, o Clube



de Teatro Infantil apresentava, aos domingos, às 16h30, *O Rezinho Boko Moko*, 2ª produção do ano e 12ª montagem do grupo, que voltou ao cartaz em 1976. Com texto, iluminação e direção de Leandro Filho, pela 1ª vez na função de diretor no Clube de Teatro Infantil; figurinos e maquiagem de Alna Prado; sonoplastia de Otto Prado; e cenário do próprio grupo, a peça tinha no elenco os atores Ilza Cavalcanti, Juraci Moraes, J. Lago, Maria Emília, Cláudio Luiz e o garoto Eronildo Gomes.

O Teatro da Universidade Católica de Pernambuco (Tucap) fez as apresentações de estreia de *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, com direção de José Francisco Filho, no Nosso Teatro, mesmo palco que recebeu, pouco depois, temporada do grupo Teatro de Artes, com a peça infantil de Jackson Costa, *O Pintor de Borboletas*, diri-

gida pelo próprio autor. A montagem do Tucap, inclusive, foi muito bem recebida no I Festival Nacional de Teatro Amador de Goiânia (GO). No elenco, José Francisco Filho, Aninha Fara-che, Celso Muniz, Carlos Varella, Antônio Aguiar (Tonico Aguiar), Lígia Sodré e Conceição Acioli. Ainda na técnica, os assistentes de direção Toi-nho dos Santos, Carlos Murta, Everaldo Gaspar e Fausto Eduardo; maquiagem de Daniel Maia; figurino de Paulo Roberto Cunha Barreto; e luz de Eurico Bitu. Em artigo no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 80), o en-cenador José Francisco Filho revelou uma curiosidade:

Os grupos que hoje encenam “A revolta...”, talvez não saibam da existência de uma Fada ridícula que transformava a Menina Má em Menina Boa, fazendo a garota prometer que jamais maltrataria novamente os brinquedos. Em minha montagem, sugeri que a personagem Fada fosse suprimida. Atitude que não foi um mero capricho da direção e sim uma tomada de posição consciente no desenvolvimento da história. Quando um dos autores do texto, Pernambuco de Oliveira, assistiu ao espetáculo em Goiânia (...) decidiu assumir o corte como permanente.

Posteriormente, *A Revolta dos Brinquedos* cumpriu uma série de apresentações esporádicas por comunidades e escolas, tornando-se um grande sucesso na carreira de José Francisco Filho, com encenação sempre recorrente do mesmo texto. Tanto que ele complementou naquele mesmo artigo:

Com esse espetáculo, conseguimos mostrar a educadores e crianças que o mais importante numa montagem são os atores e o que dizem os personagens. Cenários, iluminação e fi-



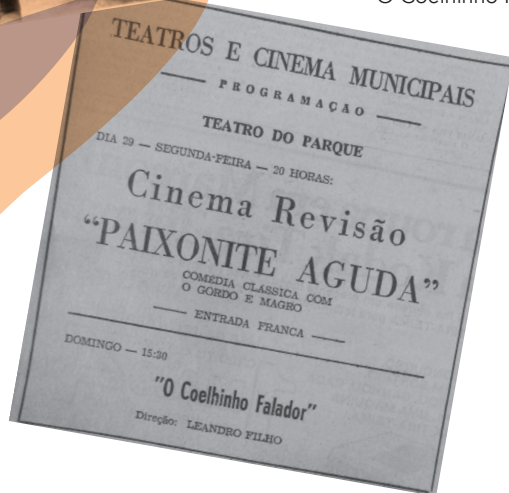
A Revolta dos Brinquedos



gurinos grandiosos nada representam diante de textos medíocres, que quase sempre estimulam os preconceitos e a “competição”. Ensinamos também àquelas crianças, e, muitas vezes a seus pais e professores, a grande diferença entre ator e personagem, fazendo com que os intérpretes se caracterizassem às vistas do público.



O Coelho Falador



Estreando no sábado 16 de dezembro de 1972, mas cumprindo temporada aos domingos, às 17 horas, no Teatro do Parque, o Clube de Teatro Infantil lançou sua 3ª produção naquele ano, *O Coelho Falador*, texto de Leandro Filho (1º ato) e Otto Prado (2º ato), sob direção e sonoplastia deste último, anunciada no *Diário de Pernambuco* (30 de dezembro de 1972) como “a primeira peça em que os espectadores mirins participam como atores”. Já segundo o *Jornal do Commercio* (18 de março de 1973), a excelente temporada do espetáculo comemorava cinco anos de existência do Clube de Teatro Infantil (sendo seis na verdade). A publicação pontuou:

O acontecimento é inédito no Recife pois geralmente os grupos se formam; apresentam uma ou duas temporadas, e vendo as dificuldades existentes – inclusive a ausência de qualquer ajuda oficial – desistem, talvez até ajuizadamente. Mas o CTI fundado em janeiro

de 1968 [o ano correto é 1967] por Leandro Filho e Otto Prado vem resistindo milagrosamente e segundo dizem seus diretores/fundadores “resistirá, pois temos sempre o interesse da renovação tanto no elenco como na forma de apresentações, tudo visando um objetivo: ir de encontro ao gosto das crianças, procurando no entanto discipliná-las no verdadeiro caminho artístico, em hipótese alguma lhes dando uma baderna colorida rotulada de “teatro infantil”, recheada de iê-iês inexpressivos e “outras cositas mas” altamente perigosas para a formação infantil. E o resultado dessa orientação, dessa procura em acertar; já se faz sentir: contamos com uma platéia certa comparecendo regularmente todos os domingos ao Teatro do Parque.

O mesmo jornal destacou um detalhe curioso sobre a montagem atual:

“O coelho falador” mostra uma novidade: não tem fim, isto é; os autores não puseram um término à peça deixando isso a critério da petizada assistente que, subindo ao palco passa a fazer parte do elenco e, mediante opiniões diz como a peça deve ser concluída.

No elenco, Alna Prado (Coelho), Everardo Sena (Lobo), Isa Fernandes (Passarinho, em sua estreia no grupo, no qual vai lançar-se também como dramaturga e diretora), Rogéria Feitosa (Maria Chiquinha), Rejane Santos, Inalda Silvestre, Isabel, Ada (Flores, com as duas últimas sem registro do sobrenome) e “as crianças da platéia como os índios julgadores”. Os figurinos e maquiagem foram concebidos por Alna Prado, com cenário dela e de Otto Prado, e iluminação de Leandro Filho. Para o público, havia distribuição do refrigerante “Caçula da Antártica”. *O Coelho Falador* ganhou novas versões em 1975 e 1982.



Perdidos no Espaço

Ainda em 1972, o Clube de Teatro Infantil lançou a peça *Perdidos no Espaço*, um tema recorrente na sua história, **com texto e direção de Otto Prado, tendo no elenco Alna Prado, Eleonora Prado, André Andrade e Augusto César**. Agradecendo o apoio que recebia de toda a imprensa, o diretor lembrou em depoimento ao livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 117): “(...) em 1972, quando montamos *Perdidos no espaço*, a TV Rádio Clube nos cedeu o seu fabuloso robô metálico para toda a temporada – algo que não se esquece”. Em 1973, foi a vez de surgir um dos maiores sucessos do Clube de Teatro Infantil, *Uma História Para o Conde Gato*, que ganhou bom espaço na mídia por trazer uma característica especial. Destacou a matéria do *Jornal de Commercio* (18 de março de 1973):

Neste seu sexto ano de atividade o Clube (...) introduz mais uma inovação, (...) partindo de uma idéia do Leandro Filho. É que, animados pelo sucesso da participação direta das crianças no “Coelhinho falador”, Leandro e Otto vão apresentar dentro de mais alguns dias um novo espetáculo onde não haverá peça escrita! Isso mesmo, nenhum “script” norteará a ação ficando isso a critério de qualquer criança da

platéia. (...) Leandro e Otto, confiantes na capacidade e alto senso interpretativo do elenco que dirigem – Alna Prado, Albenis Amaral, Inalda Silvestre, Juracy Moraes, Isa Fernandes, André Andrade, Rogéria Feitosa, Ilza Cavalcanti, José Soares, Flávio Costa, Renato Lins, Everardo Sena, Eleonora Prado, Isabel, Ada, Rejane, Maurício Valença, Helena Rego – vão se atrever a colocar o elenco em cena e este, após ouvir uma estória contada por uma criança da platéia, transformará a estorinha numa peça na mesma hora. Para isto, contarão com uma variedade enorme de roupas, cenários e objetos cênicos, tudo anteriormente colocado no palco. O Clube terá que dispor de condições imediatas para apresentar um espetáculo sobre qualquer gênero que a criança imaginar: bichinhos, reinados, fábulas etc. Tudo que couber na mentalidade infantil, o Clube terá obrigação de transformar em peça. E garante que o fará. De elemento fixo haverá apenas o Conde Gato, que orientará a ação servindo de ligação entre o elenco e a platéia.

Uma História Para o Conde Gato



Integrante do elenco, a atriz Inalda Silvestre lembrou deste trabalho no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 121):

“Uma história para o Conde Gato” foi uma experiência de técnica realmente, porque ficamos fazendo improvisação durante meses. Para nós atores, foi uma escola maravilhosa. O espetáculo dava livros para a criança que contasse a melhor história. Em alguns momentos, as próprias crianças escolhiam quem ia fazer as personagens.

A atriz Isa Fernandes também tratou mais da peça no mesmo livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 120):

Leandro teve a idéia de montar. A peça era o seguinte: o Conde Gato namorava uma gatinha chamada Lili, que gostava de ouvir histórias. Ele não tinha nada de novo para contar, só aqueles contos de fadas tradicionais, mas precisava de uma novidade, porque senão ela ia

acabar o namoro. Fazia-se um sorteio na platéia, três crianças eram escolhidas para subir ao palco e contar uma história. O público, juntamente com os atores, escolhia a melhor. Fechava-se a cortina, Otto dividia as personagens, dava as coordenadas e soltava a gente em cena. (...) uma trupe muito unida, coesa e trabalhada, porque antes de irmos para o palco, passamos seis meses exercitando improvisação. Registrávamos as histórias de parentes, sobrinhos e vizinhos, só de gente pequena, num gravador. Depois, ouvíamos tudo e treinávamos o improviso. A gente já se conhecia muito, a ponto de um já saber aonde o outro queria chegar em cena. Conduzia-se a história de uma maneira tal, que resultava em espetáculos maravilhosos. (...) Essa foi uma experiência que nos ensinou muito. (...) A gente propôs e firmou convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco. Lembro que Marieta Borges era a secretária de educação (...) Graças a esse convênio, apresentávamos os espetáculos nas escolas. As professoras faziam a seleção das histórias e mandavam cinco delas para escolhermos a melhor, a mais teatral. Não podia ser uma trama já conhecida, tinha que ser imaginada pela criança. Ensaivamos à noite no Teatro do Parque e no outro dia colocávamos tudo em uma Kombi, cenário, figurino e elenco, para irmos às escolas. Às vezes, saíamos de uma escola para a outra com três espetáculos diferentes. Um trabalho que incentivava o aluno a escrever e o despertava para o teatro.

Uma História Para o Conde Gato



Em Olinda, no sábado 14 de julho de 1973, um novo grupo foi lançado, o Teatro Ambiente do MAC, ligado ao Museu de Arte Contemporâ-

nea de Pernambuco e estreando exatamente com uma peça para crianças, *A Sopa de Flores* (a única de todo o seu repertório), com texto e direção de Fred Francisci. No elenco, além do próprio diretor, estavam Lígia Sodré e Alex Gomes. Os figurinos e objetos foram criações da artista plástica Diva Glória; com maquiagem de Daniel Maia e concepção de trilha sonora de Pedrinho Marconi. Era uma equipe de vanguarda, com ideias avançadas para o teatro infantil da época. O saudoso ator Sérgio Sardou – que trabalhou em outras produções da equipe – deu um depoimento ao livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 150-151):

[O grupo] Surgiu dirigido por Fred Francisci, que na época já fazia produções infantis independentes no Recife. (...) Desde o começo, assumiu uma característica interessante, não sei se por influência do local onde estava, um museu de arte contemporânea, ou se pelo momento daquela época do teatro pernambucano, em que as vanguardas estavam todas dispersas. (...) Começamos com a peça “A sopa de flores”, infantil que reunia Lígia Sodré, uma atriz de ideologia de vanguarda, com idéias bem interessantes sobre o teatro infantil; Diva Glória, que além de pintora era uma figura fantástica, totalmente “de outro mundo”; Fred Francisci, um dos produtores mais loucos e ousados que conheci em Pernambuco; e Alex Gomes, que estava iniciando sua carreira, mas já era bastante ligado nos movimentos de vanguarda que surgiam. Nasceu daí a idéia de se fazer um teatro numa sala de prisão, porque o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco tinha sido uma prisão eclesiástica, creio que da Inquisição, e o local disponível que se tinha para encenar as peças era uma sala de cadeia

com enormes grades de ferro. Como em teatro de arena, foram improvisadas umas arquibancadas. Foi um grande sucesso. No começo, as pessoas achavam muito estranho, porque era diferente para crianças. Até então, eram montadas aquelas peças infantis com bichinhos, uma coisa muito certinha. Nosso teatro tinha uma proposta completamente nova, de pessoas que eram fadas humanas, bruxos humanos, com a criança do dia-a-dia, a mãe que dava cascudo, botava de castigo, personagens mais reais para a meninada.



Petrúcio Nazareno, que dirigiu a equipe em montagens adultas, complementou ainda no mesmo livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 151):

Havia uma grande dificuldade de espaço para teatro. Mary Gondim era uma pessoa de uma cabeça aberta para mil coisas. Muito criticada na época, era até chamada de louca. Ela era diretora do museu, um órgão ligado ao Governo do Estado, e conseguiu realizar esse sonho: existir em Pernambuco o único museu



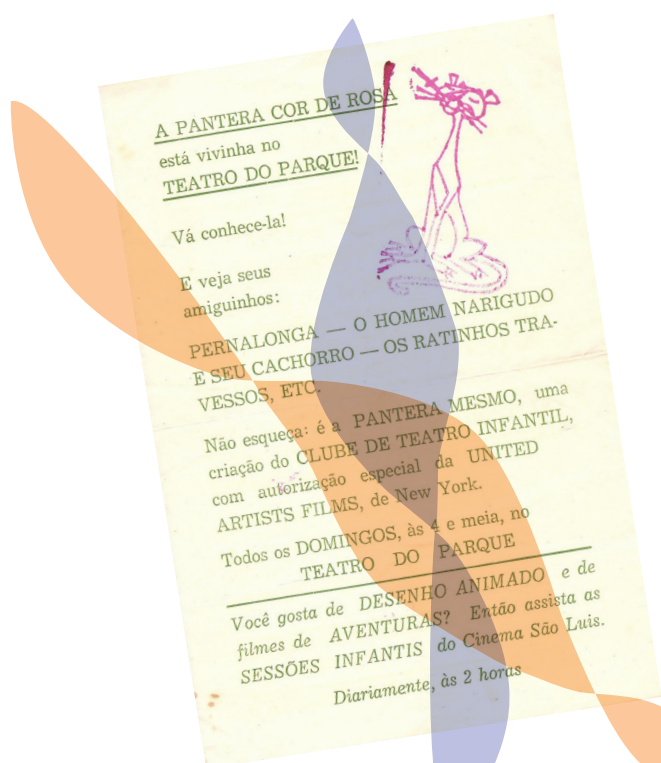
no Brasil que tinha um grupo de teatro. Mesmo por cima de todos os preconceitos que havia na época. De fato, existiam as pinturas, as obras de arte nas paredes, mas ela mandava retirar tudo para acontecer o espetáculo. Isso foi importante. A Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco destinava uma pequena verba para os espetáculos, só dava para fazer os figurinos e os cenários. Mary também dava uma ajuda.

O Teatro Ambiente do MAC manteve-se em atividade até 1981, mas *A Sopa de Flores* foi a única experiência no mundo da criança. O grupo encerrou sua trajetória com a montagem adulta *Ritual – Rito Atual*, texto de Fernando Limoeiro, dirigido por Nazareno Petrúcio (assinando assim na época). Ainda em 1973, o diretor Otto Prado conquistou mais um sucesso para o Clube de Teatro Infantil, *A Pantera Cor de Rosa*. Segundo o *Diário de Pernambuco* (21 de julho de 1973), para encenar o espetáculo, o grupo “pediu autorização à United Artists de Nova Iorque para utilizar o nome e o personagem famoso que é a Pantera Cor-de-Rosa”. A montagem era dividida em seis episódios: *A Pantera e o Menino Chato*; *A Pantera e os Ratinhos Travessos*; *A Pantera no Zoológico*; *Pantera, Homem*

& Cachorro; *O Grande Mágico* e *A Pantera e o Ladrão*. “(...) um trabalho de risco, todo em pantomima. Mas a meninada compreendeu a mensagem e correspondeu de imediato. Sucesso absoluto, resultado ótimo. Até comprei um Fusca”, revelou o diretor no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 116). Os figurinos e máscaras eram de Alna Prado, com cenários dela e de Otto Prado, responsável ainda pelo roteiro e sonoplastia da peça, e iluminação de Leandro Filho. A montagem tinha como intérpretes Flávio Costa, Alna Prado, Isa Fernandes, Sérgio Maciel, Roberto Lima, Paulo Bispo, Inalda Silvestre, Eleonora Prado e José Sales.

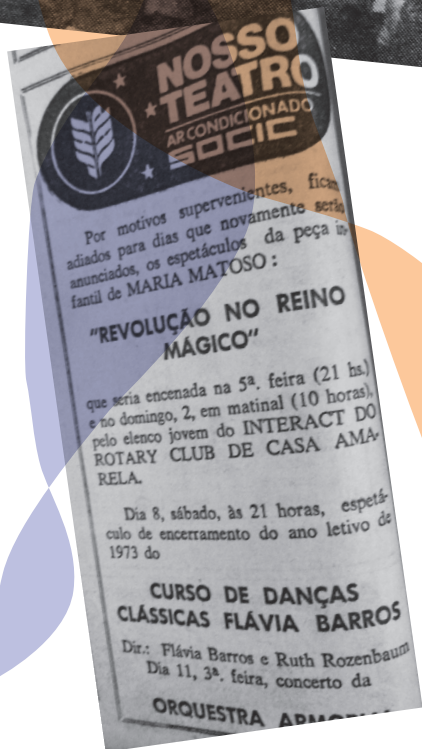
Uma curiosidade sobre a imprensa daquele momento: se somente em 1972 o *Diário de Pernambuco* passou a publicar jornais às segundas-feiras, foi a partir de 1973 que as peças começaram a ser citadas em roteiro específico de teatro, elemento bem importante para a divulgação das produções em cartaz. Uma das montagens em destaque foi lembrada pelo próprio *Diário de Pernambuco* (1 de dezembro de 1973), quando o Teatroneco, do Centro Educativo de Comunicação Social do Nordeste (Cecosne), apresentou, às 17 horas, “para gente de todas as idades”, no Colégio São José, na avenida Conde da Boa Vista, a peça de mamulengo *Touradas em Madrid*, de Marco Camarotti. Enquanto isso, o Nosso Teatro anunciava ainda pelo *Diário de Pernambuco* (3 de dezembro de 1973) que “por motivos supervenientes” foi adiada a estreia da peça infantil de Maria Mattoso, *Revolução no Reino Mágico*, pelo elenco jovem do Interact, do Rotary Club de Casa Amarela.

Em depoimento a esta pesquisa (3 de novembro de 2013), a autora Maria Mattoso confessou que o seu texto foi vetado pela Censura Federal, “por conta da palavra Revolução do título”. Segundo ela, no enredo, uma garota vai conhecer o Reino Mágico e se depara com tudo mudado em relação às personagens dos contos clássicos, como





Teatroneco



por exemplo, o Gênio da Lâmpada de Aladim, que reclama 13º salário; a Bruxa da Branca de Neve que fez plástica e está com nariz novo; ou ainda a Cinderela que se revolta com sua Madrasta. “A peça tinha um perfil humorístico, mas claro que fazia críticas àquele momento. Eu tinha as minhas intenções...”. Ela lembrou ainda que, em determinado trecho, as personagens gritavam: “Abaixo a Ditadura de Dona Carochinha!”. Proibido, o texto nunca chegou à cena, nem mesmo quando, algum tempo depois, Maria Mattoso e Diná de Oliveira escreveram músicas para a obra, transformando-a em um musical infantil. E até hoje ela continua inédita nos palcos.

Com poucas opções de diversões para as crianças no Recife, o Parque da Fecin chamou a atenção da família pernambucana promovendo *Um Grande Natal* na programação especial divulgada pelo *Diário de Pernambuco* (16 de dezembro

de 1973), com matinê infantil a partir das 15h30 e presença do Papai Noel conversando com todas as crianças, além do Teatro Infantil em sessões contínuas, apresentando Tio Patinhas, Pato Donald, Pateta, Mickey Mouse, Zé Carioca e outras réplicas das famosas figuras de Walt Disney. No local funcionava ainda grande parque de diversões e, a partir das 20 horas, apresentações de atrações folclóricas como Fandango, Reissado Imperial, Bumba Meu Boi Misterioso, Pastoril do Velho Barroso, Marujada Santa Cruz (a Chegança), Ciranda Imperial e Cavalinho de Olinda. Para a juventude e os namorados, a farra acontecia no ruidoso baile Kurtição.

Enquanto isso, o Teatro de Santa Isabel tinha como uma de suas atrações, aos domingos, às 16 horas, o Teatro Infantil do Brasil, com Geraldo Lemos e Denpsey Ayres apresentando *Fantasia*, espetáculo com 23 réplicas das figuras de Walt Disney, entre outras atrações. Paralelamente, no Teatro do Parque foi inaugurado o 1º cinema educativo permanente do país, exatamente quando o Monumental Circo Charles Barry atraía a atenção do público recifense. Ainda no final daquele ano, no mesmo Teatro do Parque, aos domingos, às 15h30, o Clube de Teatro Infantil apresentava *O Fantasma Azul*, texto da dupla Isa Fernandes e Leandro Filho, outro de

O Fantasma Azul





O Fantasma Azul

seus sucessos. A direção era deste último. No elenco, Rejane Santos, Leonardo Camillo, Isa Fernandes, Inalda Silvestre, Carlos Alberto e José Soares.

Como parêntesis sobre o ano de 1973, vale registrar trecho de artigo de Humberto Braga sobre o teatro de bonecos daquele período (disponível em: <http://aptbon.tripod.com/umpoucodehistoria.htm>. Acesso em: 15 de março de 2009):

Em 1973, é criada a Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, a ABTB, por Clorys Daly com a colaboração efetiva de Cláudio Ferreira, Virginia Valli, Daisy Schnabl, Carmosina Araújo e Elsa Milward Dantas. É através dessa Associação que nasce a primeira e única revista especializada no assunto, a MAMULENGO que alcança quatorze

números; É também através da ABTB que ocorre (sic) regularmente os festivais nacionais. O Centro UNIMA-Brasil é criado, em 1976, dentro da estrutura da própria ABTB como ocorre em todos os países e por orientação da própria União Internacional de Marionetistas – a UNIMA, entidade das mais antigas do mundo, criada em 1929 e vinculada à UNESCO, a qual a ABTB representa, no Brasil. Como decorrência do trabalho desenvolvido pela ABTB, uma grande mobilização dos grupos de teatro de bonecos existentes, no país, possibilita efetivamente a transformação da realidade do teatro de bonecos brasileiro. Na verdade, desde a década de setenta que estoura como uma espécie de época de ouro (ou abre as comportas de uma produção grande reprimida e desconhecida nacionalmente) pela quantidade de espetáculos, de eventos, de novos grupos e de intensa reflexão deste fazer artístico. Nesse contexto, observa-se intenso questionamento coletivo dos artistas sobre o por que da identificação do boneco com a criança e sobre a necessidade de uma maior preocupação com o tratamento dado a essas platéias infantis. Nessa época também estão presentes experiências de temas como teatro de bonecos na educação, teatro de bonecos na terapia, o teatro de bonecos na televisão, entre outros.

Com a chegada de 1974, o Clube de Teatro Infantil programou novas peças para cumprir temporada no Teatro do Parque. A 1ª foi *Branca de Neve e os Sete Anões*, com adaptação e direção de Otto Prado, segundo o *Jornal do Comercio* (09 de março de 1974), versão anunciada como “uma quase super/produção”, “numa roupagem moderna”, “colocando o clássico



Branca de Neve e os Sete Anões



infantil neste país tropical". Um dos destaques era a criação do Catimbó, segundo o diretor, "personagem livre que imaginei, um ajudante da Rainha/Bruxa que entra batucando, ginguando como um participante de Gigantes do Samba (escola de samba recifense)", figura que chegou a ser censurada, conforme Otto Prado. **No elenco, Alna Prado, Ilza Cavalcanti, José Soares, Edson Almeida, Isa Fernandes, Eleonora Prado, Ozita Araújo, Ada (sem registro do sobrenome), Rejane Santos, Jonira Máximo e Inalda Silvestre.** Esta última deu um depoimento engraçado no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 121):

Foi no Clube de Teatro Infantil que recebi a maior vaia da minha vida, na montagem de "Branca de Neve e os sete anões", na qual fiz a Rainha Má. Na estréia da peça, a transformação da Rainha em Bruxa aconteceu nos bastidores. Quando apareci, a criançada, vendo aquela mulher horrorosa, começou a chorar de medo. No dia se-

guinte, Otto perguntou: "Inalda, você pode trocar a roupa em cena?". "Posso", respondi. Ele pôs uma música e fez uma espécie de "strip-tease" no palco pra me vestir de Bruxa, com a menina da acompanhando a transformação. Quando Branca de Neve apareceu e me aproximei dela, a turma gritou: "Ela é a Bruxa, não queira essa maçã, ela está mentindo". Foi uma vaia de cinco minutos. Fiz de tudo, mas não houve jeito. Para continuar, foi preciso Otto, o diretor, interceder.



Asteróide 007

Em seguida, o Clube de Teatro Infantil produziu *Asteróide 007*, cuja estreia aconteceu no dia 14 de julho de 1974, **com texto e direção de Leandro Filho, mais uma vitória da equipe formada pelos atores Ilza Cavalcanti, Isa Fernandes, Paulo Bispo, Roberto Lima e Tércio Farias;** e duas outras produções, *O Fantasma Azul*, **texto de Isa Fernandes e Leandro Filho, com direção deste último, contando com os atores Rejane Santos, Leonardo Camillo, Inalda Silvestre, Carlos Alberto, José Soares e Isa Fernandes;** e

*Mickey e a Pantera Cor de Rosa*, adaptação e direção de Otto Prado, com os intérpretes José Soares, Alna Prado, Isa Fernandes, Augusto César e Cláudio Ribeiro. A temporada desta última peça, aos domingos, às 15h30, no Teatro do Parque, aconteceu paralelamente à exibição do filme *A Pantera Cômica de Rosa*, comédia policial em cartaz no Cine Astor, com censura 14 anos. Outro grupo que comemorava novas conquistas, em agosto de 1974, era o Teatroneco, convidado a cumprir temporada no Teatro Nacional de Comédias, no Rio de Janeiro. O colunista teatral Antônio Aguiar Júnior (o ator, dramaturgo e diretor Tonico Aguiar) abriu espaço no *Jornal do Commercio* (18 de agosto de 1974) para mais detalhes sobre o que estava programado:

O Teatroneco no próximo dia 23, viajará ao Rio de Janeiro, onde fará algumas apresentações no Teatro Nacional de Comédias. O que é um privilégio Nacional, realmente. Este grupo (...) começa a receber merecidas recompensas, como por exemplo, a honra de representar para todo o nordeste a ABTB (Associação Brasileira de Teatro de Bonecos) (...) O Diretor do Grupo, Fernando Augusto, passa as informações do que será esta excursão: "(...) A temporada será de 25 de agosto a 3 de setembro de 74. São 12 espetáculos. Paralelamente o Teatroneco fará uma Exposição de Bonecos os mais variados: Bonecos de Vareta; Marionetes; Fantoques; Bonecos de Cabaço; Mamulengos, etc. Será exposto todo o acervo do Teatroneco – cerca de 80 bonecos e mais de 150 bonecos para venda, além de outros tipos de artesanato. A temporada foi contratada pela Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB. Direção – Fernando Augusto. Atores – Nilson de Moura, Hannie Bably, Guilherme Coelho, Sandra Potes, Raquel Carnib, Ari Cruz. Sonoplastia –

Carlos Coopes e Silva. Contra-Regra – Ari Cruz. Bonecos – de Neilton Guedes dos Santos. Pintura dos Bonecos – Madre Escobar. (...) Peças para Apresentação: 1 – Princesa das Flores – de Célia F. de Morbelli – Tradução e adaptação de Fernando Augusto. Peça espanhola, do gênero fantasia, inspirada em lenda medieval, apresentando o mundo mágico do sonho e de ilusão. 2 – Touradas em Madrid de Marco Camarotti. Trabalho inspirado em folhetos da Literatura de Cordel. 3 – As Aventuras da Viúva Alucinada – de Januário de Oliveira – GINÚ. Certamente o mais importante mamulengueiro vivo, existente em Pernambuco. Ginú possui mais de 40 anos de Mamulengo, tendo criado inúmeras peças de tipos que se tornaram famosos, como é o caso do Professor Tiridá. A peça foi gravada e publicada por Hermilo Borba Filho e se constitui um exemplo típico do espetáculo popular do mamulengo pernambucano. 4 – Varieté – Números variados com bonecos e atores – de Nilson Moura e Fernando Augusto”.

O ano de 1974 também marcou a estreia do Teatro de Amadores de Pernambuco com atenção à criançada, promovendo *Terra Adorada* a partir do dia 29 de agosto, opereta de Valdemar de Oliveira estreada ainda com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. Com texto, músicas e direção de Valdemar de Oliveira, coordenação geral de Diná de Oliveira, maquiagem de Nita Campos Lima, iluminação de Antônio Gomes e projeções de Fernando de Oliveira, a montagem foi um sucesso retumbante no palco do Nosso Teatro. Reunindo mais de 40 componentes, o elenco contava com os atores Fernando de Oliveira, Dulcinéa de Oliveira, Adhelmar de Oliveira Sobrinho (Pedro Oliveira), Yêda Bezerra de Melo, Cristiana de Oliveira, Márcia Montenegro, Reinaldo de Oliveira, Fátima Marinho, Maneto,



Nos dois atos, segundo o programa, "Música! Cantos! Danças! Tipos característicos da Europa, da América do Norte e do Brasil, num grande espetáculo para crianças e adultos de qualquer idade". Ou seja, uma mega produção vitoriosa, que abriu a possibilidade do TAP começar com o pé direito na produção teatral para meninos e meninas. O *Jornal do Commercio* (31 de agosto de 1974) registrou o sucesso da estreia:



Agradando muito ao público infantil que se encontrava presente no Nosso Teatro, estreou anteontem, o espetáculo musicado "Terra Adorada", uma nova produção do Teatro de Amadores de Pernambuco. A peça tem texto e partitura de Waldemar de Oliveira e também foi por ele dirigida. Trata-se de uma "viagem" por vários países e Estados brasileiros, que são representados

**NOSSO TEATRO**  
 AR CONDICIONADO  
 SOCIE

TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO

**"TERRA ADORADA"**  
 Quatro réctas já marcadas:  
 29 e 30 de agosto, às 21 hs.  
 31/8 e 1 de setembro, às 18.30

**"TERRA ADORADA"**  
 Texto e músicas, em maioria, de  
**VALDEMAR DE OLIVEIRA**  
 Em benefício do HOSPITAL INFANTIL  
 Grande espetáculo musicado, para crianças e  
 adultos. 80 slides coloridos. Músicas, danças,  
 cantos, de Portugal, Espanha, França, Estados  
 Unidos e Brasil

**"TERRA ADORADA"**  
 Colaboração gentil do  
 COLEGIO PIO XII — CURSO DE DANÇAS DE  
 FLÁVIA BARROS — CURSO DE DANÇAS DE  
 MONICA JAPIASSU  
 Orquestra regida por NELSON FERREIRA  
 Ingressos a partir de 28, na bilheteria, ou, an-  
 tes, em mãos da direcção do HOSPITAL  
 INFANTIL.  
 Preços especiais para grupos de escolares

Terra Adorada

Terra Adorada



Rosângela, Hugo Lacerda, José Roberto Monteiro, Fernando de Oliveira Filho, Valdemar de Oliveira Neto, Marcos Gallo, Solange Spencer, Ceres de Lemos, Luiz Gonzaga, Marcelo Malta, Enéas Alvarez, Luiz Carlos Nunes Machado, Rogério Costa, Eneida Costa, Vicentina do Amaral, Ângela Spencer, Tarcísio Regueira Costa, Wilson, Lelo e Manoel (os três últimos sem registro de sobrenome), além de integrantes do Curso de Danças Clássicas de Flávia Barros, Curso de Dança Mônica Japiassú e Colégio Pio XII. A trilha sonora ao vivo era executada por músicos da Orquestra Maestro Nelson Ferreira.



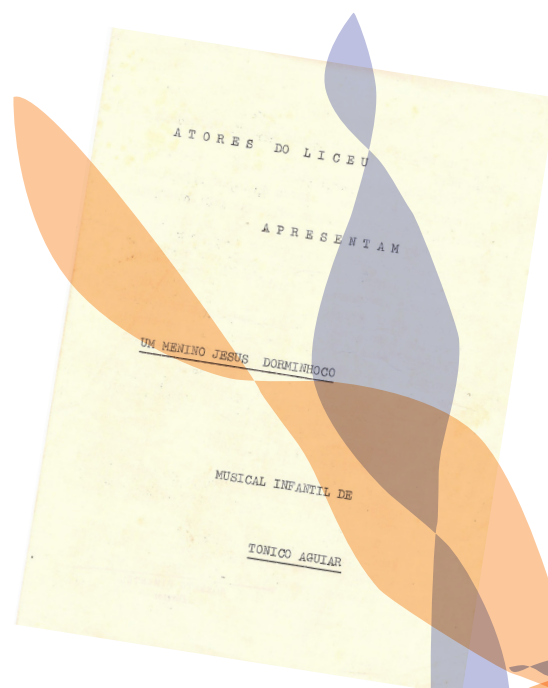
Terra Adorada

musicalmente. Como elemento de ligação entre os vários quadros Waldemar colocou três crianças, Mário Adelman, Maria (ledinha) e Mimi (Tiana). Esta é uma "boneca", que se movimenta através de pilhas; através de um trabalho excepcional da garotinha Tiana, esse personagem ganhou, praticamente, o primeiro lugar em toda a peça. E revelou uma, muito provavelmente, futura grande atriz do teatro brasileiro. Os três garotos foram responsáveis por oitenta por cento, pelo menos, da comunicação que a peça conseguiu com o público infantil presente. No 1o. ato temos a partida, Portugal (Bailarico Português), Espanha (Dança Espanhola), França (Cã-Cã) e Estados Unidos (danpop e figuras de Disneylândia. No 2o. ato as cenas se passam nos Estados brasileiros, com uma serenata, ran-

cheira, samba e o frevo (que encerra o espetáculo, com muita gente subindo ao palco, para dançar). Apesar da peça querer mostrar que no Brasil "tudo é mais bonito", o 1o. ato é, visivelmente muito melhor, em virtude da falta de experiência dos intérpretes, do 2o. ato com algumas excessões (como a Ranchera (sic), o frevo – dançado pelas alunas de Flávia Barros). Mas, no conjunto, "Terra Adorada" consegue seu objetivo de divertir, de modo instrutivo.

Outra montagem que ganhou projeção na imprensa em 1974 foi a peça *Um Menino Jesus Dorminhoco*, um auto de Natal escrito e dirigido por Tônico Aguiar, desde 1973, para o elenco do Teatro dos Pequenos Atores do Liceu. Em sua coluna *Teatro*, no *Jornal do Commercio* (22 de dezembro de 1974), o próprio autor recomendou a montagem, em cartaz no recém-lançado Teatro Novo, no Casarão 7, anexo à livraria Livro 7:

Uma bonita temporada neste fim-de-ano acontece nesta cidade: "Um Menino Jesus Dorminhoco" encenado pelo "Teatro dos Pequenos Atores do Liceu". O grupo tem feito apresentações descontínuas desde o Natal do ano



passado. Agora porém, movidos pelo entusiasmo de Carlos Varela, a peça vem cumprindo uma rigorosa programação, restando ainda, 11 espetáculos. Os atores possuem em média, 10 anos, e são alunos do Liceu de Artes e Ofícios. Ontem estiveram no Teatro Novo, para onde retornarão a partir do dia 24 devendo permanecer neste Teatro até o final do ano. O grande mérito deste trabalho não é a peça montada, e sim, o trabalho – contínuo, sistemático, desenvolvido por este pequeno-enorme grupo. Tão importante (ou talvez mais) quanto montar uma peça, é o ato seguido e disciplinado de mostrar o trabalho, contar o que tem pra dizer. Falar, contar o que precisa ser dito uma, duas, mil vezes até, pois preciso é. E é isto que estes valiosos super-atores estão fazendo.

A 26 de janeiro de 1975, entrou em cartaz no Teatro do Parque, aos domingos, pelo Clube de Teatro Infantil, *Filha de Bruxa Não é Bruxinha*, que já havia sido levada à cena em 1968. Mais uma vez, Otto Prado dirigiu o texto de Leandro Filho, com os atores Rejane Santos, Jonira Máximo, Inalda Silvestre, Rosiane Luzia, Carlos Alberto e Rita de Cássia. Os figurinos eram de Alna Prado. No dia 13 de julho, novo trabalho no mesmo Teatro do Parque, *Lute Ratinho*, texto e direção de Leandro Filho, proposta que voltou com 2ª versão em 1982. No elenco desta estreia, Isa Fernandes, Ilza Cavalcanti, Ozita Araújo, José Soares, Carlos Alberto e Mary Nogueira, atores “especializados em espetáculos infantis”, conforme lembrou o *Diário de Pernambuco* (13 de julho de 1975). Em 28 de setembro de 1975, foi a vez da equipe estreitar *A Coragem da Formiguinha Fifi*, texto de Isa Fernandes, com direção de Leandro Filho, que cumpriu temporada no Teatro do Parque, aos domingos, às 15h30, tendo como intérpretes a autora como personagem-título, além de



Lute Ratinho

Rejane Medeiros, Ozita Araújo, Carlos Alberto e Paulo Bispo. A peça ganhou nova versão em 1981. O *Diário de Pernambuco* (27 de setembro de 1975) resumiu o enredo:

Trata-se de uma estória sobre o formigueiro que recebe a visita de Fifi, uma formiguinha da cidade e de um tamanduá louco por formigas. A situação se complica porque Fifi, muito valente, organiza a resistência ao intruso, que consegue apanhar algumas formiguinhas.



A Coragem da Formiguinha Fifi



Em atividade desde 1966, mas com foco principal para venda de espetáculos nas escolas, o Teatro da Criança do Recife realizou uma série de peças que nem chegou a ser divulgada na imprensa. E tudo indica que tais trabalhos aconteceram no período compreendido até 1975. Segundo informações de vários artistas do grupo, já registradas em nota no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 92.), aconteceram as seguintes montagens: *A Onça e o Bode*, texto e direção de Fred Francisci, com figurinos e maquiagem de Daniel Maia e tendo no elenco, Marilena Mendes (Marilena Breda), Maria Anunciada e Daniel Maia; *A Bonequinha de Louça ou A Lojinha do Seu Lalau*, mais um texto e direção de Fred Francisci, com os atores Pedro Henrique, Marilena Mendes (Marilena Breda), Patrícia Mendes (Patrícia Breda), Paulo de Castro e Lau Chagas; *Maria Minhoca*, texto de Maria Clara Machado, numa 1ª versão dirigida por Paulo de Castro com os intérpretes Marylam Sales, Evandro Campelo e Genilda Brito, entre outros; além de uma outra versão da mesma obra, sob direção de Sérgio Sardou, com Paulo de Castro, Pedro Henrique e Marylam Sales; e *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, sob direção de Sérgio Sardou e interpretação de Paulo de Castro e Paulo Estevam, entre outros. Sobre a ida a tantos espaços alternativos, José Francisco Filho recordou naquele mesmo livro (op. cit., p. 80-81.):

O Teatro da Criança desmistificou ainda a idéia do palco à italiana como estrutura fundamental da representação, investigando a utilização de novos espaços como salas de aula, campos de futebol, favelas, quadras cobertas. Uma busca constante, (...) na tentativa de aprimorar a comunicação direta e espontânea que se processa entre atores e público.

Somente em 1975, já com registros da imprensa, tanto que Tônico Aguiar publicou no *Jornal*

*do Commercio* (7 de setembro de 1975) que a intenção era mesmo permanecer “em circuito colegial, seguindo a meta do grupo: levar teatro às crianças em seu local de estudo”, o Teatro da Criança do Recife lançou *A Duquesa dos Cajus*, nova produção de texto de Benjamim Santos, cuja 1ª versão, dirigida por Marco Camarotti, havia surgido em 1969. Desta vez, a direção foi entregue a João Ferreira, tendo como atores Marilena Mendes (Marilena Breda), Pelé (Lepê Correia), Glória Brandão e Rosa Machado, em trabalho que circulou por diversas escolas. Já O

A Duquesa dos Cajus



*Castelo de Mulumi*, de Jurandir Pereira, com a Troupe do Teatro Infantil Casa Caiada, sob direção de Sérgio Sardou, ocupou um outro palco alternativo, o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (MAC), em Olinda, aos domingos, às 17 horas. No elenco, Pedro Celso (Rei), Maria Alice Carneiro Leão (Assombração), Kalella (Piretsim) e Sérgio Sardou (Mestre Coruja). O cenário, maquiagem e figurino eram de Humberto Peixoto.

Na cidade de Caruaru, o Teatro Experimental de Arte (TEA) montou seu 2º trabalho para a infância, *O Gato de Botas*, com direção de Nildo Garbo e participação dos atores Roseilda Lopes, Socorro Fernandes, Lourdinha Gomes, Almir Guilhermino, Ivone Melo, Selma Alves, José Carlos e Ivaldo (sem registro do sobrenome). A peça, além de realizar sessões em Caruaru, visitou Limoeiro em outubro de 1975. Enquanto isso, Adeth Leite, em sua coluna *Teatro, Quase Sempre*, tratava da Broadway, de espetáculos em São Paulo, de concurso de piano, mostra de fotografia, canto coral, livros e concursos variados, sem qualquer atenção à produção cênica pernambucana, provavelmente desinteressante do seu ponto de vista. O cronista faleceu no Recife, no dia 20 de novembro de 1975, aos 57 anos. Já a coluna do jornalista Valdi Coutinho, no mesmo *Diário de Pernambuco*, ganhou o título *Cena Aberta* a partir do dia 20 de dezembro, com bem mais espaço à produção teatral em todo o estado.

Um dado curioso: enquanto que para a montagem de qualquer peça adulta no Recife era necessário ter, de Brasília, um certificado dado pelo Serviço de Censura e Diversões Públicas da Polícia Federal; as peças infantis eram liberadas no próprio Departamento Regional em Pernambuco, chefiado pelo senhor Demerval Barreto de Matos. Segundo o depoimento de muitos artistas no Projeto Memórias da Cena Pernambucana – O Teatro de Grupo, promovi-



Maria Minhoca

do pela Feteape, no Teatro Arraial, em 1998, ele era um grande amigo do teatro que fez “vista grossa” para muitos temas polêmicos em espetáculos. Mas aconteceram absurdos também. Como ator, Carlos Carvalho resgatou uma dessas passagens no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 90):

(...) o Teatro da Criança do Recife teve uma passagem importante, mas só percebi a sua repercussão bem depois, quando estávamos fazendo “Maria Minhoca” na Casa da Cultura. Nesse tempo, Paulo de Castro estava lecionando na Rede Estadual de Ensino e teve que viajar a Nazaré da Mata para um curso de reciclagem. No outro dia de manhã, eu estava em casa, quando Paulo Estevam, que é sobrinho de Paulo e trabalhava no espetáculo, chega desesperado, dizendo que a Polícia Federal estava querendo pegar seu tio. Fomos atrás dele e seguimos os três para a Polícia Federal, três garotos que estavam participando de um espetáculo para a infância. Chegando lá, o censor fez um longo interrogatório para saber qual a nossa ligação com os comunistas e por quê estávamos denegrindo a imagem dos

militares do Brasil. Ficamos durante uma semana, indo para lá, de manhã e à tarde, para conversar com Demerval. E ele dizia: "Por que vocês fazem o Capitão Quartel daquele jeito?", e perguntava sobre pessoas, querendo descobrir coisas. Mas tudo terminou bem. Pouco tempo atrás, em 1995, eu fui para um festival no Rio de Janeiro. Havia uma mesa com artistas dedicados ao teatro para a infância no Brasil e estava lá Maria Clara Machado, autora de "Maria Minhoca". Perguntaram se ela já teve algum problema com a Censura e ela respondeu: "Eu não, mas sei de uns meninos lá no Recife que tiveram, mas nem sei qual era o grupo". Depois disso, eu me apresentei e conversamos muito. Ela me contou que, naquela época, foi acionada para dar depoimento na Polícia Federal do Rio de Janeiro porque queriam saber quem estava montando "Maria Minhoca" no Recife. Isso mostra a ineficiência da Censura naqueles tempos. Agora, imaginem Paulo de Castro vestido de Capitão Quartel! Realmente, era um absurdo de tão divertido!

Maria Minhoca



No dia 18 de outubro de 1975, o Grupo Pinóia, formado por estudantes de Comunicação Social, apresentou no auditório do Cecosne a peça infantil *Os Espantalhos Encantados*, com adaptação do texto e direção de Carlos Bartolomeu. A peça narra a história de uma bruxa malvada que enfeitiça as pessoas e lhes provoca a vingança quando elas voltam à identidade normal. **No elenco, destaque para a experiência do ator Pedro Henrique, um dos fundadores do Teatro da Criança do Recife, "além de outros amadores de bom nível artístico", como divulgado no Diário de Pernambuco (18 de outubro de 1975): Fátima Barros, Sônia (sem indicação do sobrenome), Ana Catarina e Lígia Maria.** Segundo o grupo, o espetáculo diferia "das apresentações típicas no gênero, valendo mais como experiência no campo da comunicação".

Já o Clube de Teatro Infantil, no dia 23 de novembro de 1975, no Teatro do Parque, lançou nova versão de *O Coelho Falador*, montagem originalmente de 1972, dirigida por Otto Prado, mas agora sob direção de Leandro Filho. A peça ficou em cartaz aos domingos, às 15h30. "Trata-se de um espetáculo destinado ao público infantil do Recife e que, certamente, vai superar o sucesso alcançado pela peça *A coragem da Formiguinha Fifi*", apostou o *Diário de Pernambuco* (22 de novembro de 1975). **No elenco, Paulo Bispo (Lobo Doido), Rejane Santos (Passarinho), Carlos Alberto (Coelho Falador) e Maria das Graças (Maria Chiquinha), com figurinos de Isa Fernandes.** Em 1982, o mesmo texto retomou ao cartaz, desta vez com novo elenco e acréscimo de subtítulo, *O Coelho Falador ou Um Lobo Muito Doido*.

Começando em 1 de dezembro de 1975, o Teatro de Santa Isabel recebeu o I Encontro Estudantil de Teatro, promoção do Departamento de Cultura de Pernambuco. Na programação, foram apresentadas as seguintes peças sem maiores indicações dos seus realizadores: *Pluft*,

o *Fantasmilha*, de Maria Clara Machado; *Viagem à Terra de Santa Cruz*, sem registro da autoria; *Os Irmãos das Almas*, de Martins Pena; *A Serpente*, de Claude Itallie; *Pedras Sertanejas*, de Raimunda Teixeira; *A Verdade*, sem indicação do autor; *Comunicação Show Som*, de José Orlando; e *As Beatas do Padre José*, com texto e direção de Augusto Oliveira, esta última pelo Colégio Maria Mazarello, todas sempre no horário da tarde, com sessões em sequência às 15h30 e 16h30. No domingo 7 de dezembro de 1975, às 16 horas, no Nosso Teatro, o TAP-Júnior estreou *A Revolta dos Brinquedos*, peça infantil de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, e conforme anúncio no *Diário de Pernambuco* (1 de dezembro de 1975), numa "responsabilidade e direção de Adhelmarzinho" (Adhelmar de Oliveira Sobrinho, hoje assumindo o nome artístico Pedro Oliveira, aqui, aos quatorze anos, em sua estreia como diretor, também responsável pelo cenário). No elenco, Patrícia Mendes (Patrícia Breda, no papel da Menina Má), Tereza Moraes (Boneco de Corda), Robson Wanderley (Holmes Wanderley, Fantoche), Carlos José Marques (Soldado de Chumbo), Adhelmar de Olivei-



A Revolta dos Brinquedos

ra Sobrinho (Ursinho), Maria Mattoso (Bruxa de Pano), Yêda Bezerra de Melo (Boneca de Louça), Rosa Luiza Calmon (Fada) e Ângela Notari (Narradora). Na ocasião, a atriz Vicentina Freitas do Amaral foi homenageada pelos seus 30 anos de teatro. A peça fez um enorme sucesso. Responsável pelo site do Teatro de Amadores de Pernambuco, o pesquisador Fernando de Oliveira escreveu (disponível em: [http://www.tap.org.br/html/repertorio/086\\_revolta\\_brinquedos.htm](http://www.tap.org.br/html/repertorio/086_revolta_brinquedos.htm). Acesso em: 11 de novembro de 2011):

Não foi desta vez na garagem de sua casa que o menino Adhelmar de Oliveira Sobrinho, filho do Alfredo de Oliveira, ensaiou e fez representar uma peça para seus convidados. Esse menino, dessa vez teve o topete de procura (sic) o tio Valdemar de Oliveira e propor ser Diretor de um espetáculo. Topete se levarmos em conta (sic) que tinha 14 anos. Recebeu dele os conselhos e



teve sinal verde para a largada. Desse momento em diante se firmou como Diretor de grandes espetáculos. Possuidor de uma visão cênica de causar espanto, pelos poucos anos de vida, conseguiu reunir os companheiros e levou avante o seu projeto. Com a ajuda da mãe Hercy de Oliveira que ficou responsável pelos figurinos e procurando nos porões do Teatro material para o cenário conseguiu a incrível façanha de aos 14 anos encher um teatro e receber os aplausos merecidos pelo seu trabalho.

Curiosamente, uma outra versão de *A Revolta dos Brinquedos*, pelo grupo alagoano Teatros de Brinquedos, de Maceió, formado por quarenta crianças dos cinco aos treze anos, sob direção de Bráulio Leite, veio ao Recife para diversas sessões da peça em benefício das obras filantrópicas da Cruzada de Ação Social. As apresentações ocorreram no palco do Centro Interescolar Luiz Delgado, como parte das homenagens prestadas pelas crianças alagoanas à garotada de Pernambuco. No público, destaque para 400 menores mantidos pela Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem). Por sua vez, numa promoção da Cruzada Democrática Feminina de Pernambuco e com realização da Troupe do Teatro Infantil Casa Caiada, de Olinda, o espetáculo infantil *O Castelo de Mulumi*, de Jurandir Pereira, dirigido por Sérgio Sardou, foi apresentado no auditório da Fafire em 14 de dezembro de 1975. A montagem já havia ocupado o MAC, em Olinda, com apresentação especial para o Instituto Cirandinha.

No final de 1975, até o Clube Internacional do Recife resolveu investir no teatro para crianças, apresentando aos domingos, a partir das 16 horas, nas suas dependências, peças aos seus associados mirins. Depois de ser visto em diversos educandários, o espetáculo *Maria Minhoca*, do

Teatro da Criança do Recife, com texto de Maria Clara Machado, foi um dos convidados, tendo Paulo de Castro, Pedro Henrique e Marylam Sales no elenco dirigido por Sérgio Sardou, assim como *O Castelo de Mulumi*, da Troupe do Teatro Infantil Casa Caiada, de Olinda. Eduardo Maia empresariava os espetáculos teatrais agendados. Anteriormente, a peça *A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho*, do Grupo Piolin, com autoria e direção de Tônico Aguiar, foi apresentada nas dependências do Clube Internacional. O espetáculo fez ainda uma série de apresentações por diversos centros comunitários do subúrbio recifense, a convite do Serviço Social Contra o Mocambo, através do seu Departamento de Educação e Assistência Social, iniciativa bastante elogiada pela imprensa.

A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho



Para alegria da classe artística, o Serviço Nacional de Teatro destinou verba significativa para distribuir a quatro grupos teatrais em Pernambuco em 1975. A Secretaria de Educação do Recife lançou edital para tal, mas nossa pesquisa não conseguiu desvendar quais conjuntos foram vencedores. Ainda naquele ano, no Rio de Janeiro, dois pernambucanos conquistaram o cultuado Prêmio Molière, Luiz Marinho e Luiz Mendonça, respectivamente melhor autor e diretor de 1974 com a peça adulta *Viva o Cordão Encarnado*. Enquanto isso, no sertão pernambucano, na cidade de Salgueiro, surgiu o Teatro Infantil de Salgueiro (TIS), que existiu de 1975 a 1978 por ação da diretora Cleuza Pereira e marcou a estreia do ator Júnior Sampaio nos palcos. O grupo tem em seu repertório *O Caso dos Pirilampos* (1975), de Stella Leonardos; *No Reino de Joãozinho Anda Pra Trás* (1976), de Lúcia Benedetti; *O Embarque de Noé* (1976), de Maria Clara Machado; e *A Onça de Asas, de Walmir Ayala* (1977), este último, único trabalho que contou com direção coletiva.

No Reino de Joãozinho  
 Anda Pra Trás



Publicada no *Diário de Pernambuco* (1 de janeiro de 1976), a retrospectiva teatral de 1975 deu destaque, entre outros assuntos, ao I Festival Estadual de Teatro Amador realizado pela Fenata (Federação Nacional de Teatro Amador), entre 8 e 16 de setembro, no Nosso Teatro, com casa cheia todas as noites para ver peças adultas como *Cancão de Fogo*, do Teatro Universitário de Pernambuco, do Recife; *O Sol Feriu a Terra e a Chaga Se Alastrou*, do Grupo de Cultura Teatral, de Caruaru; e *O Pássaro Encantado da Gruta do Ubajara*, do Grupo de Teatro Vivencial, de Olinda. Houve polêmica na exibição de *As Preciosas Ridículas*, do Teatro Ambiente do MAC (com direito a vaias e tomates arremessados para o elenco). Além do acréscimo de vários espetáculos de fora que chegaram ao Recife, o grande destaque da produção local foi *O Milagre de Annie Sullivan*, do TAP, texto de William Gibson e direção de Valdemar de Oliveira. Para a infância, a mesma matéria retrospectiva do *Diário de Pernambuco* ressaltou:

Bons caminhos foram abertos para o teatro infantil em 1975: o início foi com o Teatro da Criança do Recife, criado por Paulo de Castro com a finalidade de levar arte cênica aos colégios. Fez estreia com tal filosofia, em agosto, no Vera Cruz, com "A Duquesa dos Cajus" de Benjamin (sic) Santos, direção de João Ferreira e tocou o barco para frente com convênios etc., dando inspiração a outros grupos que foram aparecendo. A Troupe Infantil da (sic) Casa Caiada, por exemplo, conseguiu bons contratos, com o Internacional, um deles, para o espetáculo "O Castelo do (sic) Mulumi" nos salões do clube. Vale lembrar, também, o trabalho de base que vem sendo desenvolvido pelo diretor cênico Leandro Filho, há alguns anos no Teatro do Parque, com êxito.

Algumas páginas depois, no mesmo *Diário de Pernambuco*, o jornalista Valdi Coutinho fez o seguinte comentário como desejo para o ano que vinha:

(...) que o teatro infantil (ah! o teatro infantil, como foi promissor, alvissareiro), especialmente os de Paulo de Castro (Teatro da Criança do Recife), Troupe Infantil de (sic) Casa Caiada (Humberto Peixoto), Sorriso (sic) (Nilson Moura) e o d (sic) Leandro Filho, continua com sucesso sua filosofia pioneira de trabalho com arrojo, abnegação e perseverança. E ao público de teatro de Pernambuco tão pequeno tão insensível, ainda, à luta ao esforço heroico dos nossos grupos, o desejo de que vá mais ao teatro, prestigie mais as nossas montagens. Que os pais se compenetrem que a criança só pode adquirir (sic) o gosto pelo teatro e, conseqüentemente, se tornar o público adulto de amanhã, se eles, os pais; agora, tiverem boa vontade de levá-los aos espetáculos infantis.

Em janeiro de 1976, com temporada aos domingos, às 15h30, o Clube de Teatro Infantil estreou *Na Escolinha da Vaquinha Isabela*, de autoria de Leandro Filho, com direção e cenário do mesmo, em cartaz até final de fevereiro, no Teatro do Parque. **No elenco, todos usando máscaras, Inalda Silvestre (Vaquinha Isabela), Isa Fernandes (Macaco Dadá), Rejane Santos (Gatinha Angélica), Leonardo Camilo (Urso Divino), José Sales (Cachorro Frufu), Carlos Alberto (Ratinho Alírio), José Soares (Burro Burraldo) e Ilza Cavalcanti (Oncinha e Bruxa).** A direção musical e coreografias eram de Isa Fernandes. O *Diário de Pernambuco* (15 de janeiro de 1976) deu mais detalhes sobre a proposta:

O espetáculo de Leandro Filho é uma nova experiência do teatrólogo no sen-



Na Escolinha da Vaquinha Isabela



tido texto/montagem, pois contará inclusive com a participação do público mirim. "Será um espetáculo dentro de outro espetáculo", diz o Leandro Filho. Isso porque, os garotos terão participação direta na encenação da peça, indo pintar, desenhar e também trabalhar nas improvisações teatrais, durante as aulas da Vaquinha Isabela".

No período de 9 a 15 de janeiro de 1976, a capital pernambucana recebeu a fase nacional do V Festival Nacional de Teatro de Bonecos, promoção da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB) e do Cecosne, com patrocínio do DAC/Programa de Ação Cultural e Ministério da Educação e Cultura. A programação aconteceu na sede do Cecosne, no bairro da Madalena, com espetáculos de várias partes do país,

três cursos programados, palestras (incluindo uma de Hermilo Borba Filho) e passeios turísticos. Clorys Daly, coordenadora do festival e representante da União Internacional de Marionetistas (Unima), e o presidente da ABTB, Cláudio Ferreira, marcaram presença. Dos grupos recifenses, participaram a equipe do Cecosne e das escolas Maria do Sampaio Lucena e Vasco da Gama (representando a Fundação Guararapes), com o quadro *Danças Folclóricas*, além do Teatroneco. Ainda na programação, Teatro Infantil de Marionetes, do Rio Grande do Sul; Teatro de Bonecos Giramundo, de Minas Gerais; Teatro de Bonecos Torre Amarela, da Paraíba; e, do Rio de Janeiro, Equipe Bellan (para adultos), Equipe Bellan Júnior (para crianças), Big Jones, Grupo Revisão, Grupo Sorriso da Criança, Teatro de Marionetes Monteiro Lobato, Beatriz e Seus Bonecos, Circo de Marionetes Malmequer e Grupo Carreta.

Desligados do Teatroneco pela direção do Cecosne, Nilson de Moura e Fernando Augusto, mesmo com a criação do Mamulengo Só-Riso no ano de 1975, em parceria com Luiz Maurício Carvalheira, Gena Veloso e Ari Luiz da Cruz (tendo Pedro Celso como convidado), não participariam inicialmente deste V Festival Nacional de Teatro de Bonecos por ainda não estarem filiados a ABTB. Mas Valdi Coutinho lembrou no *Diário de Pernambuco* (15 de janeiro de 1976):

Mamulengo Só-Riso



Acredita-se que a ABTB, para ser justa, deve considerar bastante o pioneirismo do trabalho de Fernando Augusto e Nilson Moura, e prestigiar, com a mesma força, o seu “Sorriso” (sic), a partir de agora. É o que espera todos aqueles que conhecem o trabalho dos dois e do seu grupo.

Em depoimento no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 04* (2009, p. 91), o bonequeiro Fernando Augusto Gonçalves esclareceu o que aconteceu após a saída deles do Teatroneco:

Quando decidimos sair do grupo, eu e Nilson, não tivemos nenhum grande conflito com Escobar, mas, sim, com as freiras que assumiram a Fundação Cecosne, no entanto, claro que ela ficou

Fernando Augusto Gonçalves



Carnaval da Alegria







Carnaval da Alegria

magoada conosco e houve um momento de grande mal-estar. Foi justamente em 1976, quando, junto a Clorys Daly e Cláudio Ferreira, os criadores da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB –, Escobar resolveu trazer para o Recife o V Festival Nacional de Teatro de Bonecos, e nós, do Só-Riso, fomos totalmente ignorados. No evento, estava presente a nata do teatro de boneco brasileiro (...) Aconteceu então deles chamarem Hermilo Borba Filho para palestrar num seminário, mas ele disse: “só vou, se o Mamulengo Só-Riso for convidado”. E tiveram que nos engolir a seco. Não fizemos parte da programação oficial, mas o boca a boca nos consagrou como o melhor espetáculo do festival. A partir desse momento de glória, passamos a ser chamados para circular pelo país nos mais diferentes projetos. Não parávamos de dar espetáculo e começou assim nossa vida de turnê, até assumirmos ser uma trupe de marionetistas mambembes.

Das viagens pelo Brasil (a estreia aconteceu no Ceará), além de promover cursos, o Mamulengo Só-Riso levava dois espetáculos, o adulto *Festaça no Reino da Mata Verde* e o infantil

*Carnaval da Alegria*. Nessa turnê, para lugares como Teresina e Manaus, a convite de diversas instituições, com apresentações marcadas em teatros ou praças públicas, participaram Fernando Augusto dos Santos, Nilson de Moura, João Batista Dantas (substituindo Luiz Maurício Carvalheira, envolvido com o Grupo Piolin) e Marco Camarotti (mais à frente, participaram ainda Conceição Camarotti, Gilberto Maymone, Conceição Acioli, Beto Diniz, Carlos Carvalho, Malavéia, Gilberto Brito e Walther Holmes). As viagens eram tantas, que ainda não haviam conseguido fazer temporada na capital pernambucana, nem em Olinda, sua terra natal. “O Mamulengo Só-Riso, que também representou Pernambuco, através da UFPe, no Festival de Inverno de Ouro Preto, ainda não fez sua estréia oficial aqui no Recife, apesar de tantas excursões e viagens”, lembrou Valdi Coutinho no *Diário de Pernambuco* (1 de outubro de 1976).

O ano de 1976 marcou ainda o surgimento do Teatro Hermilo Borba Filho, grupo liderado pelo teatrólogo Marcus Siqueira que, dizem alguns, não era muito afeito ao teatro para crianças, mas lançou sua nova equipe (após as experiências do grupo Teatro Novo, fundado



Marcus Siqueira

em 1968) exatamente com uma peça infantil, *Rato Não Sabe Escrever... Telefona*, texto de Armando Coelho Neto, com o próprio autor no elenco, além de José Ramos, Morse Lyra Neto, Vicente Monteiro e Ana Rodrigues, todos eles alunos seus de um curso de teatro. Marcus Siqueira assinava ainda o cenário e figurinos. A temporada aconteceu, a partir de junho, num casarão do século XIX, cedido por Baccaro, na subida da Ladeira do Varadouro, na Rua 15 de Novembro, que ganhou o nome Teatro Hermilo Borba Filho, em homenagem ao teatrólogo falecido naquele ano, com quem Marcus Siqueira trabalhou no Teatro Popular do Nordeste e de quem também foi aluno no Curso de Formação do Ator da Escola de Belas Artes.

No Recife, enquanto que Leandro Filho preparava para temporada de março a agosto, no Teatro do Parque, pelo Clube de Teatro Infantil, nova versão de *O Reizinho Boko Moko*, com texto, direção e cenário seus, tendo no elenco José Soares, Ozita Araújo, Rejane Santos, Uirandey Lemos, Leonardo Camilo e o comediante Luiz Lima, todas as atenções do teatro adulto estavam voltadas para a I Mostra do Teatro Amador de Pernambuco, que ocorreu de 17 a 31 de agosto, no Teatro de Santa Isabel, numa iniciativa da Fetape, sob presidência de José Francisco Filho. O evento não teve nenhuma peça para crianças, mas contou com expressiva participação de produções do interior, com os grupos Teatro de Amadores do Cabo (TAC), da cidade do Cabo de Santo Agostinho; Grupo Teatro Castro Alves, de Bezerros; Teatro Experimental de Arte (TEA), de Caruaru; e também da capital do Agreste, o Grupo de Cultura Teatral, com o trabalho mais elogiado, *Rua do Lixo, 24*, texto e direção de Vital Santos. A Mostra prestou homenagem a três importantes figuras do teatro, os diretores Hermilo Borba Filho e Clênio Wanderley, falecidos naquele ano, e o cronista Adeth Leite, falecido em 1975.



O Consertador de Brinquedos

No mês seguinte, o *Diário de Pernambuco* (23 de setembro de 1976) anunciou novo grupo de teatro dedicado às crianças, com duas temporadas em paralelo:

O Grupo Supimpa de Teatro fará sua estréia, no Recife, dia 25 com uma inovação: teatro infantil nas manhãs do sábado, às 10h na Casa da Cultura, com a peça "O consertador de brinquedos", de Stella Leonardos e direção de Isa Fernandes. E, no mesmo dia, às 15,30 horas levará o mesmo espetáculo no Teatro do Parque, repetindo-o no domingo às 16h no mesmo local.

No elenco, Jamysson Marques, Rejane Santos, Regina Campelo, Raimundo Silva (posteriormente assinando Raimundo Branco), Jonira Máximo, Carlos Alberto e Leandro Filho. A concepção de cenário era de Jair Miranda e a maquiagem de Isa Fernandes. Em outra matéria no *Diário de Pernambuco* (3 de outubro de 1976), Leandro Filho descreveu a sua personagem, Egoistão, e a trama levada à cena, que discutia a questão da exploração imobiliária:

(...) um bruxo muito malvado e egoísta, que lança feitiço em "Seu Nicolau", personagem vivido por Carlos Alberto. A história se desenrola a partir da compra de um terreno por parte de Seu

Nicolau, que deixa triste Tio Fábio (Jamyson (sic) Marques), Bahiana (Jonira Maximo) e Dr. Sabe Nada (Raimundo), porque no local funciona uma fábrica de brinquedos que será demolida para dar lugar a um edifício de 1001 andares. A confusão se generaliza.

Ao *Caderno Gente*, do *Diário de Pernambuco* (3 de outubro de 1976), o diretor revelou ainda que achava mais difícil fazer teatro infantil do que para adultos, “pois com a criança, a gente tem que ser honesto tanto na interpretação como na maneira de comunicar, pois ela não se engana com artifícios”. Em outubro de 1976, além da continuação da temporada de *O Consertador de Brinquedos*, pelo Grupo Supimpa de Teatro, também estava em cartaz no Recife *A Viagem ao Faz de Conta*, de Walter Quaglia, às



A Cigarra e a Formiga

A Viagem ao Faz de Conta



16 horas, no mesmo Teatro da Casa da Cultura, montagem que marcou a estreia do diretor José Francisco Filho à frente de uma peça infantil no Teatro da Criança do Recife, já que ele havia dirigido antes (estranhamente se levarmos em consideração o nome do grupo) uma peça adulta, *Em Boca Fechada Não Entra Mosquito*, de Ariano Suassuna, em 1971. *A Viagem ao Faz de Conta*, além de trazer cenário e figurinos de Burque de Aquino, tinha em seu elenco Marylam Sales (que chegou a ser substituído por Marcelo Lantejoula e, posteriormente, por Marilena Breda), Pedro Henrique, Paulo Estevam, Tarcilla Gatis e Virgínia Colares. Este foi o 3º lançamento do grupo naquele ano, após as estreias de *A Cigarra e a Formiga*, de Luís Maia, com direção de Marylam Sales e participação das atrizes estreadas Fátima Aguiar e Patrícia Mendes (Patrícia Breda); e *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, no comando do diretor Paulo de Castro, tendo no elenco Carlos Carvalho, Paulo Estevam, Marilena Mendes (Marilena Breda), Pedro Henrique e Paulo de Castro (eventualmente substituídos por Marylam Sales e Genilda Brito).



Maria Minhoca

Vale registrar que foi o Teatro da Criança do Recife quem teve a ideia de ocupar a Casa da Cultura como espaço teatral, abrindo a possibilidade também para o Grupo Supimpa de Teatro. Tanto que a turma ganhou destaque em matéria assinada por Anamaria Guimarães no *Diário de Pernambuco* (16 de janeiro de 1977):

Em 1976 o grupo consegue através de Pedro de Souza improvisar um palco na Casa da Cultura, no raio Sul, 3º andar, dando, até fins de dezembro deste ano, 150 apresentações com os seguintes espetáculos: "A Viagem ao Faz de Conta", de Walter Quaglia (112); "A

Cigarra e a Formiga", de Luís Maia (28); e "Maria Minhoca", de Maria Clara Machado (10). O total de pessoas a assistirem os trabalhos foram de 35.000 (entre crianças e adultos).

Em homenagem ao Dia da Criança, o Teatro Piolin levou à Associação Atlética do Bandepe, numa promoção do Departamento Cultural daquela entidade, o espetáculo *A Lesma, O Caracol e o Porco Espinho*, musical infantil com texto e direção de Tonico Aguiar, com Nilson de Moura no elenco (substituído por Tonico Aguiar), Sandra Pottes e Fred Cutie Bets. Os figurinos e cenário eram de Paulo Roberto Cunha Barreto (o figurino do Porco Espinho, por exemplo, foi confeccionado com cinco mil canudinhos de plástico numa rede de pescador com argolas). Ainda em dezembro, a peça foi apresentada no British Country Club e no Clube dos Previdenciários de Pernambuco, dentro de suas programações natalinas. No elenco já modificado, Celso Muniz (*O Caracol*), Suzana Costa (*A Lesma*) e Carlos Frederico (*O Porco Espinho*). Sobre suas atividades, Tonico Aguiar declarou ao *Diário de Pernambuco* (24 de dezembro de 1976):



A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho

(...) o Teatro Infantil tem um grande compromisso com o seu público, se não mais importante que o teatro para adultos, de maior responsabilidade, devido à fragilidade dos que o assistem. Este compromisso não está ligado à ideia de preparar espíritos artísticos mas, estimular a sensibilidade de cada um, para contínuas descobertas em uma vida mais criativa e humana.

Como o ano de 1976 marcou o lançamento da Fetape – Federação do Teatro Amador de Pernambuco, hoje Feteape, Federação de Teatro de Pernambuco –, em seu 1º ano de atividade a entidade recebeu uma notícia boa que chegou via Serviço Nacional de Teatro ao disponibilizar verba para os dois melhores espetáculos infantis de 1976 em Pernambuco. A Fetape indicou, então, *A Viagem ao Faz de Conta*, do Teatro da Criança do Recife, e *O Coelho Colorido*, do Clube de Teatro Infantil, com texto e direção de Leandro Filho, cuja estreia havia ocorrido em maio, no Teatro do Parque. A imprensa aprovou as duas escolhas. Segundo o *Diário de Pernambuco* (12 de maio de 1976), a peça *O Coelho Colorido* possuía **texto e direção de Leandro Filho e cenário dele em parceria com Isa Fernandes. Os figurinos eram de Janice Lobo, com direção musical e coreografia de Gracita Cavendish. No elenco, Isa Fernandes (no papel-título), Rejane Santos, Inalda Silvestre, Ada de Azevedo, Tarciso Sá, Marcelo Malta (substituído posteriormente por Carlos Alberto) e Leonardo Camilo.** A temporada aconteceu aos domingos, no Teatro do Parque, anunciada erroneamente como “o primeiro musical infantil montado no Recife” (*A Princesa Rosalinda*, de 1939, já cumpriu este papel).

Dentro das comemorações natalinas daquele ano, o Clube de Campo Sítio do Pica-Pau Amarelo programou, por sua vez, a peça infantil *A Viagem ao Faz de Conta* para seus associados. Naquele dezembro de 1976, três novos espetá-



A Volta do Chapeuzinho Vermelho

culos podiam ser vistos pelas crianças. *A Volta do Chapeuzinho Vermelho* estava em cartaz no Teatro do Parque, desde novembro, aos domingos, às 16 horas. Era mais um musical dirigido por Leandro Filho e, como lembrou o *Diário de Pernambuco* (25 de dezembro de 1976), espetáculo envolvendo as mais conhecidas figuras da literatura teatral infantil, “tais como a Pantera Cor de Rosa, Mickey, Lobo Mau (que se transforma em Lobo Noel), Chapeuzinho Vermelho, Macaqueba, e o Palhaço Mágico”. **No elenco, Isa Fernandes, Rejane Santos, Uirandey Lemos, Carlos Alberto, Edjane Maria e o ator-mágico José Sales.** Já o texto de Rubem Rocha Filho, *O Pirata Tubarão*, 4ª estreia do Teatro da Criança do Recife em 1976, cumpria sessões aos domingos, às 16h30, na Casa da Cultura, sob direção de Marco Camarotti e, como registrou o mesmo exemplar do *Diário de Pernambuco*, contando “a história de um quixotesco marujo a (sic) procura de um tesouro, seja ele qual for, e onde quer que esteja. Encontra no Tonico e na Rosinha a possibilidade misteriosa de realizar o seu



O Pirata Tubarão

O Pirata Tubarão



sonho". No elenco, Pedro Henrique (Pirata), Patrícia Mendes (Patrícia Breda, Menina Rosinha), Leonardo Camilo (Menino Tonico) e Marilena Mendes (Marilena Breda, Índia Tabajaras).

Os cenários e figurinos eram de Beto Diniz, com maquiagem de Buarque de Aquino, iluminação de Carlos Carvalho e Pedro Henrique e música de George Arribas. A peça também fez apresentação no palco do Nosso Teatro, às 16h30, no dia 26 de dezembro de 1976, contando com a participação especial do Palhaço Cocorote e todos os personagens de *A Viagem ao Faz de Conta*. Já a partir de janeiro de 1977 retornou à Casa da Cultura, no Teatrinho do Raio Sul, em longa temporada. Por fim, com poucas sessões em novembro de 1976, *A Onça Mafalda* e *O Bode Militão*, de Weracy Costa e José Ramos,

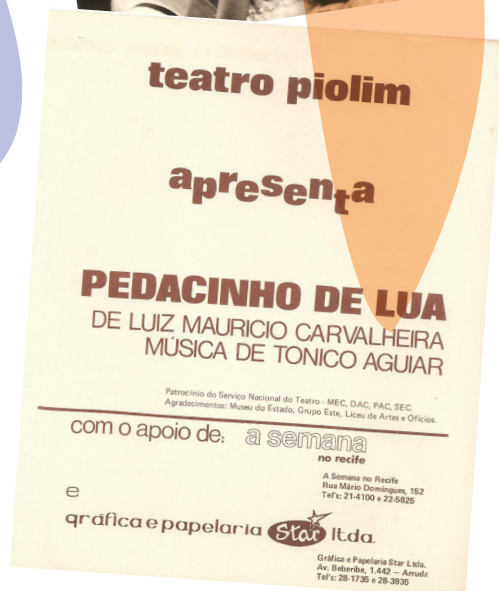
era atração aos sábados e domingos, às 16 horas, no Teatro Hermilo Borba Filho, no bairro do Varadouro, em Olinda, com texto, direção, cenário e figurinos dos dois atores em cena. Sem meias palavras, "um fracasso", confessou o ator José Ramos no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 31).

Como publicação do Serviço Nacional de Teatro, o *Anuário do Teatro Brasileiro 1976* (1976, p. 103-116) ainda registrou como atrações daquele ano no Recife, a continuidade de sessões das peças *O Coelho Falador*, pelo Clube de Teatro Infantil (bem no início do ano), *Carnaval da Alegria*, pelo Mamulengo Só-Riso, e *Um Menino Jesus Dorminhoco*, dos Atores do Liceu, que finalmente teve seu elenco divulgado: Jorge Quaresma, Márcia Maria, Alexandre Pacheco, Márcia Verônica, Adivam Gonçalves, Lindinere Jane, Josilene Balbino, Rosana Tavares, Mário Monteiro, Nadja Alves, Adalzira Francisco, Edilene de Clato, Amarilis de Andrade, Aldenize de Andrade, Robson Pacheco, Roberto Alves, Suely Cristina, Jânio de Clato, Gerardo Farina, Marcelo Matos, Rômulo Fonseca, Irleide Barros e Rosângela Tavares. A administração de toda esta turma era de Carlos Varella.





Pedacinho de Lua



Foi o Teatro Piolin quem abriu a programação teatral de 1977 no dia 6 de janeiro com a estreia do espetáculo *Pedacinho de Lua*, texto de Luiz Maurício Carvalho, com direção de Tônico Aguiar e cenários e figurinos de Paulo Roberto Cunha Barreto, artista plástico pernambucano radicado no Rio de Janeiro. Curiosamente, a primeira sessão aconteceu às 21 horas, no Museu do Estado, cedido pelo Departamento de Cultura do Estado. A peça permaneceu em cartaz por lá, à tarde, aos finais de semana. No elenco, Sérgio Sardou, Gilberto Maymone, Luiz Maurício Carvalho, Celso Muniz, Carlos Varela, Tônico Aguiar, Guadalupe Mendonça, Júlia Lemos e Maria Silva. Em outro palco, de acordo com o *Diário de Pernambuco* (13 de maio de 1977), a atriz Ilza Cavalcanti viveu a Bruxa Faladeira no espetáculo *Planeta das Bruxas*, com estreia no Teatro do Parque, a partir de 15 de maio daquele ano, e temporada programada aos domingos à tarde. O texto e a direção foram de Leandro Filho. Ainda no elenco, Inalda Silvestre, Ozita Araújo, Jonira Máximo (todas também no papel de bruxas), Luiz Lima, Carlos Alberto e Rejane Santos. O jornal anunciava:

O espetáculo conta com a participação de três meninas da platéia, que são convidadas pelo Bruxo Lenhador – o ator Luiz Lima – para ser bruxas, usando inclusive roupas, chapéus cômicos de magos, máscaras e outras indumentárias. No final da peça, recebem um diploma de “Bruxa Honorária”.

Em atividade desde 1975, o Mamulengo Só-Riso, de Olinda, segundo publicação de Valdi Coutinho no *Diário de Pernambuco* (10 de março de 1977), “transfigura, recria e torna erudito o mamulengo, dentro do mesmo espírito de *brincadeira teatral* no qual ele se manifesta”. Após dezoito meses de apresentações pelo Brasil, a estreia de uma temporada pernambucana do grupo finalmente aconteceu em março



Mamulengo Só-Riso

de 1977, no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (MAC), em sua cidade natal, com os dois primeiros trabalhos, ambos de 1975, o espetáculo adulto *Festa no Reino da Mata Verde* e o infantil *Carnaval da Alegria*, este último com personagens como o Palhaço Melancia Gente e Boneco, Borboleta Borbolinda, loiô Macaíba, Capitão Ventola e Princesa Patafêlica. Valdi Coutinho, naquela mesma edição do *Diário de Pernambuco*, destrinchou as atividades do grupo até então:

(...) no Recife, apresentou alguns espetáculos para Universidade Federal de Pernambuco, em Caruaru e outras cidades do Estado; em Teresina, Piauí, fez temporadas no Theatro 04 de Setembro, a convite da Fundação Cultural daquele Estado; excursão pela Parnaíba e várias cidades do interior piauiense; em Belo Horizonte, Minas Gerais, realizou apresentações na capital, como convidado para a Abertura oficial do X Festival de Inverno de Ouro Preto, através da Universidade Federal de Minas Gerais, realizou apresentações na capital mineira, em Sabará, Santa Luzia, São João Del Rei e outras cidades interioranas; em Manaus apresentou-se no Teatro Amazonas, Itacoatiara e Manacapuru e outras cidades, percorrendo a região amazônica por mais um mês a convite da Fundação Cultural do Amazonas; recentemente, em Brasília, esteve presente no VI Festival Nacional de Teatro de Bonecos, onde obteve brilhante participação por parte da crítica especializada, sendo considerado único no gênero em todo o Brasil. Nesse mesmo festival o

Carnaval da Alegria



Nilson de Moura



Luiz Maurício Carvalheira

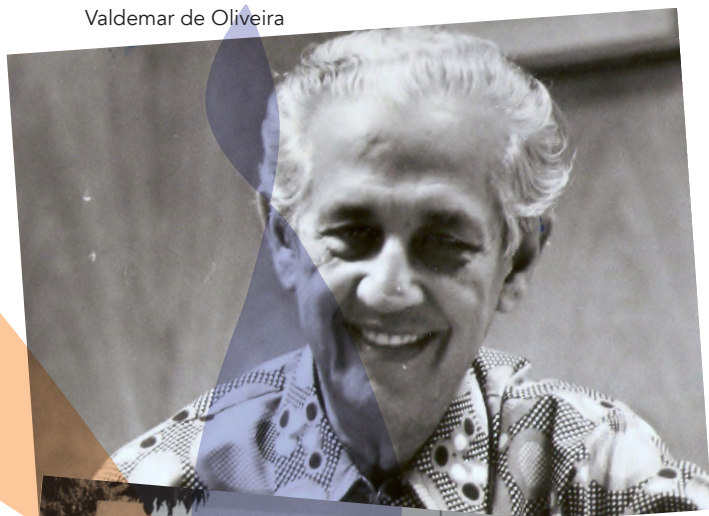




diretor do grupo, Fernando Augusto, foi eleito presidente do Conselho Nacional da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. Daí, a gente tem uma idéia do reconhecimento público e crítico que vem merecendo o Grupo "Mamulengo Só-Riso" em todo o Brasil, pelo nível do seu trabalho, inteiramente voltado para as raízes mais autenticamente populares da nossa cultura, através de uma pesquisa de personagens, tradições, costumes, estórias, tipos, folclore, utilizando uma linguagem identificada com a realidade histórica do nosso povo.

Mas o ano de 1977 também foi sinônimo de tristeza profunda pela morte do comandante do Teatro de Amadores de Pernambuco, Valdemar de Oliveira, falecido no dia 18 de abril aos 76

Valdemar de Oliveira



Teatro Valdemar de Oliveira

anos. Por toda a sua importância como homem da Cultura principalmente, inclusive no segmento do teatro para crianças, ele, definitivamente, ascendeu à imortalidade. Por proposta do seu irmão, Alfredo de Oliveira, aceita por todo o TAP, o Nosso Teatro foi rebatizado de Teatro Valdemar de Oliveira a partir de 23 de maio de 1977. Seu filho Reinaldo de Oliveira assumiu, então, a direção do conjunto.

Coordenado por Didha Pereira, o grupo Teatro Assimétrico do Recife (Tare) lançou sua 1ª peça infantil, *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, tendo como diretor convidado Walternandes Carvalho. As sessões iniciais aconteceram no Centro de Trabalho e Cultura (CTC), no bairro dos Coelhos, com entrada franca e foco especial no público daquela comunidade. Nos dias 28 e 29 de julho de 1977, a peça foi apresentada no auditório do Diretório Central dos Estudantes (DCE). No elenco, Évenos Luz, Juca Santos, Eliano Gerônimo, Galba Burly, Vera Dath, Henrique Makallé, Ginaldo Gomes e Carmelita Pereira (posteriormente substituída por Jackson Costa). Didha Pereira assinava cenário e figurinos. Em Olinda, o grupo Teatro Hermilo Borba Filho montou a obra mais reconhecida da mesma dramaturga Maria Clara Machado, *Pluft, o Fantasminha*. O crítico Valdi Coutinho fez questão de registrar no *Diário de Pernambuco* (2 de outubro de 1977) uma enorme alegria para a equipe:

"Soberbo"... foi o adjetivo escolhido por Maria Clara Machado para qualificar a impressão que tivera da montagem de "Pluft, o fantasminha", de sua autoria, pelo elenco do THBF, com direção de João Batista Dantas. Quando esteve no Recife, há alguns dias atrás, ela fez questão de ver o trabalho.

No elenco, Colette Dantas (Pluft), Stella Maris Saldanha (Mãe de Pluft), José Ramos, Sônia



Pluft, o Fantasminha

Carreira, Cláudia Chables, Jorge Jamel, Bárbara Lopes e Toniel Santos. A *Oncinha Vermelha* foi o espetáculo produzido pelo Teatro de Arte, em cartaz aos domingos, no Centro Ferroviário da cidade do Jaboatão dos Guararapes, com apoio daquela Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Educação, tendo como patronesse a senhora Geruza Melo, 1ª dama do município. Com texto e direção de J. B. Santos, o elenco era constituído por ele, além de Ijaci Maria, Josimar Silva, Madalena Galindo, Carlos Lima, Edi Nascimento e Marcelo Alexandre.

Também na mesma cidade, a partir de setembro, no auditório do Serviço Social da Indústria (Sesi), o Teatro de Arena Guararapes encenou *Uma Rosa Amarela Para Belinha*, de Maria das Graças Caeté, com direção de Irapuan Caeté. No elenco, além do diretor, Eliza Maciel, Marcos Lima, Marcelo Beker e Maria Cristina Caeté.

Em Olinda, quem cumpria temporada, às 17 horas, no Teatro Hermilo Borba Filho era *A Duquesa dos Cajus*, de Benjamim Santos, com direção de João Ferreira. No elenco deste trabalho de estreia do Grupo de Teatro Canto Livre, Mércia Helena (Tia), Lourdes Acioly (Alice), Ana Lúcia Bernardo (Chapéu), Paulo Francisco (D. Quixote) e Francisco de Assis (Saci), todos alunos do Colégio Estadual de Beberibe (mais à frente, participaram ainda Adelmo Rocha e Edna de Cacio). Na ficha técnica, figurinos de Paulo Francisco; cenário de João Ferreira e maquiagem da equipe. Um outro grupo que também cumpriu temporada no Teatro Hermilo Borba Filho, após a estreia no DCE (Diretório Central dos Estudantes), no Recife, foi o Teatro Experimental de Olinda (TEO), com o seu único trabalho para crianças, *O Violino Encantado*, de Vanildo Bezerra Cavalcanti, sob direção de Mário Lima, também responsável pela maquiagem. Ainda na ficha técnica, assistência de direção e ilumina-



A Oncinha Vermelha



O Violino Encantado

ção de Tereza Cortez; cenografia e figurinos de Aníbal Santiago; administração de Walter Araújo e produção executiva de Valdi Coutinho. No elenco, o próprio diretor Mário Lima, Fernando Antunes (substituído por Erivaldo Cordeiro), Cléa Claudino, Cícero dos Santos (substituído por Mário Antônio Miranda), Maria do Rosário, Lourdes Sant'Ana, Alfredo Veríssimo, Maria do Rosário, Antão Ferrão e José Manoel, que fez uma análise da peça no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 70):

Eu diria que o texto, de Vanildo Bezerra Cavalcanti, não foi um primor de opção, mas a gente ainda conseguiu dar uma leitura política para a peça: a história de um bobo da corte que derruba o rei e toma o poder. Imaginem o que foi essa montagem num momento em que o poder estabelecido pelos militares estava começando a ser discutido.

A peça também passou pelo Teatro Valdemar de Oliveira e auditório do Cecosne. A partir de novembro de 1977 foi a vez de *Uma História Para o Conde Gato*, com roteiro e direção de Leandro Filho, voltar a cumprir temporada aos domingos, às 16h30, no Teatro do Parque, pelo Clube de Teatro Infantil. Muitas pessoas passaram pelo elenco, sempre em constante revezamento, como Jamysson Marques, Paulo Rubem (Paulo Rubem Santiago), Rejane Santos, Conceição Silva, Mônica de Lourdes, Carlos Alberto, Gilson Santana (Mestre Meia-Noite), Jorge Pacheco, Tarciso Sá, Graça Azevedo, Graça Rodrigues, Albemar Araújo, Fábio Costa, Gamaliel Perruci, José Brito e Jonira Máximo, entre outros. O surpreendente é que, somente naquele ano, o Clube de Teatro Infantil já havia levado à cena mais quatro montagens, com destaque para nova versão de *O Fantasma Azul*, agora sob a direção de Isa Fernandes e com os atores Gamaliel Perruci, Jamysson Marques, Jonira Máximo, Uirandey Lemos, Nelson (sem registro do

sobrenome) e Rejane Santos; além de *A Volta do Chapeuzinho Vermelho*, *Planeta das Bruxas* e *Os Visitantes do Espaço*, todas com Leandro Filho assumindo a direção. Nesta última, com texto de Otto Prado, figurinos de Ozita Araújo e iluminação de Cícero Paulo, estavam os atores Tarciso Sá, Ângela Serpa, Rejane Santos, Carlos Alberto, José Raimundo (Raimundo Branco) e Marcos Oliveira.

No Circo da Onça Malhada (não confundir com o extinto Circo da Raposa Malhada, aqui já abordado), sob coordenação da equipe do Balé Popular do Recife e armado no Cais da Rua da Aurora, o Teatro da Criança do Recife apresentou nos dias 24 e 25 de dezembro de 1977, às 17 horas, o espetáculo *A Viagem ao Faz de Conta*, de Walter Quaglia. A sessão contou ainda com a participação do Palhaço Pimpão (Marylam Sales) e muitas outras atrações, inclusive mágicas e brincadeiras e participação especial do Papai Noel trazendo brindes para a meninada. Uma curiosidade: naquele mesmo mês, o Teatro da Criança do Recife inaugurou oficialmente o Teatro da Casa da Cultura, com o nome de Sala Clênio Wanderley, estreando o espetáculo *Cordel 3*, com censura para maiores de 14 anos. A obra trazia texto inspirado na literatura de cordel, *Macaco Misterioso*, *Presepadas de Satanás na Igreja* e *O Homem Que Comeu o Boi*



A Viagem ao Faz de Conta

de Minas, sob direção de José Francisco Filho. No elenco, Suzana Costa, Fábio Coelho, Paulo Estevam, Paulo de Castro e Lau Chagas. Em dezembro de 1977, quem cumpriu temporada na Sala Clênio Wanderley, aos domingos, às 17 horas, foi a peça *A Duquesa dos Cajus*, com direção de João Ferreira, pelo Grupo de Teatro Canto Livre.

Na retrospectiva teatral do ano publicada no *Diário de Pernambuco* (31 de dezembro de 1977), Valdi Coutinho ressaltou o aparecimento de novos grupos amadores, ainda que distantes do almejado nível artístico. No entanto, apostou em melhores resultados no futuro. Segundo ele, entre as estreias de coletivos como o Cear-te, Povoarte Grupo Teatral (do Cabo de Santo Agostinho), Grupo de Teatro Panacéia, Artenova, Teca, Grupo Cambuca e Conjunto Cênico Arborial, um dos destaques foi o surgimento da Companhia Práxis Dramática, em caráter profissional, com grandiosa produção que reunia 29 atores na peça adulta *Esta Noite Se Improvisa*, de Pirandello, sob direção de Antonio Cadengue. Em Olinda, após a polêmica saída dos atores do seu núcleo inicial (Marcus Siqueira foi acusado de déspota), o grupo Teatro Hermilo Borba Filho também chamou a atenção com o Curso Regular de Formação de Atores, com aula inaugural a partir de 26 de setembro, e a montagem de *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes. Já o Grupo Expressão, da Fafire, realizou *Suplício de Frei Caneca*, lançando um novo autor, Cláudio Aguiar, e o Grupo de Teatro Vivençial montou *Sobrados e Mocambos*, de Hermilo Borba Filho, e *Viúva, Porém Honesta*, de Nelson Rodrigues.

Continuaram atuantes, “embora sem apresentar algo de novo”, conforme Valdi Coutinho, o Teatro Ambiente do MAC, Teatro Experimental de Olinda, Teatro de Amadores do Cabo, Teatro Assimétrico do Recife, Grupo de Teatro Canto Livre e o Dinâmico Grupo Teatral. Ele lembrou

ainda do Teatro Piolin, Teatro Equipe do Recife, Teatro Espontâneo e da Federação do Teatro Amador de Pernambuco que, em 1977, tendo Marcus Siqueira como 2º presidente, finalmente assumiu personalidade jurídica. Ainda segundo esta mesma retrospectiva, no seguimento do teatro infantil Valdi Coutinho salientou a constante atuação do Teatro da Criança do Recife, Clube de Teatro Infantil, Teatro Hermilo Borba Filho, Mamulengo Só-Riso, Teatroneco, Teatro de Arena Guararapes e Teatro de Arte, os dois últimos da cidade do Jaboatão dos Guararapes.

Seguindo os dados do *Anuário do Teatro Brasileiro 1977* (1977, p. 143-158) e registros isolados nos jornais, dezoito produções para crianças aconteceram naquele ano na Região Metropolitana do Recife, quase todas já abordadas anteriormente. O Clube de Teatro Infantil promoveu cinco espetáculos, sendo o grupo de maior produção (*A Volta do Chapeuzinho Vermelho*, *O Fantasma Azul*, *Planeta das Bruxas*, *Os Visitantes do Espaço* e *Uma História Para o Conde Gato*). Quem continuou apresentações vindas de anos anteriores foram o Mamulengo Só-Riso, com *Carnaval da Alegria*; e os Atores do Liceu, com *Um Menino Jesus Dorminhoco*. Esta última montagem, com texto e direção de Tônico Aguiar, e participação do próprio e Celso Muniz como músicos, passou por espaços alternativos como o teatro do Convento de Santo Antônio e o pátio do Liceu de Artes e Ofícios da Universidade Católica de Pernambuco.

Outras realizações do ano: o Grupo Expressão, da Fafire, montou seu único trabalho voltado às crianças, *Putz, A Menina Que Buscava o Sol*, de Maria Helena Kühner, sob direção de José Francisco Filho, com apresentações no auditório da Fafire e Teatro Valdemar de Oliveira. No elenco, Celeste Dias, Martha Ribas, José Francisco Filho, Flávio Freire, Zélia Sales, Mônica Calluete, Reure Bezerra e Urias Novais (também na assistência de direção). A direção musical era de

Cláudio Aguiar. Já o diretor Buarque de Aquino, junto a elenco recrutado pela LBA (Legião Brasileira de Assistência), do bairro de Santo Amaro, preparou *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, em temporada no mesmo auditório da Fafire. Atuavam Conceição Vicente, Flávio Emanuel Torres, Ana Elizabete Torres, Josilena Estácio, Beto Gomes, José Sinval, Márcia Cabral e Manoel Constantino. As músicas originais eram do próprio Buarque de Aquino, também responsável pelo cenário e figurinos, e Flávio Emanuel Torres. Este último, diretor musical da peça. Conceição Vicente concebeu as coreografias.

O Conjunto Cênico Arboreal fez *Maroquinha e Manezinho do Sertão*, com direção e coreografia de Severino Francisco. No elenco, o ator e produtor Ulisses Dornelas (também responsável pela direção musical), Edileuza Santos, Marly Francisco, Genival Torres e o próprio diretor Severino Francisco. Ainda há registro da peça *Pinóquio*, assinada pelo Teatro da Juventude do Rio de Janeiro, em visita ao Recife; e da realização do Encontro Teatro Infantil, no Teatro do Parque, em outubro de 1977, numa promoção da Secretaria de Educação e Cultura. Como curiosidade, vale citar o Troféu Espontâneo, premiação da época voltada ao teatro pernambucano, entregue anualmente pelo Teatro Espontâneo do Recife Produções Artísticas (Terpa) aos melhores do ano, segundo comissão especialmente formada a cada edição. Mas, curiosamente, o teatro para crianças não participava, talvez pelo grupo Teatro Espontâneo nunca ter se dedicado a esta linguagem durante toda a sua existência.

De janeiro a fevereiro de 1978, o Serviço Nacional de Teatro promoveu a 1ª edição do Projeto Mambembão e Mambembinho, com apresentações no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília de “doze espetáculos entre os mais significativos das regiões, – quer amadores, quer profissionais”, segundo o programa do evento (1978. p. 1). Complementa o documento:



A ideia do Mambembão surgiu não só da constatação da necessidade de criar comunicação entre as realizações dos Estados com as platéias do Rio e São Paulo, como também os pedidos cada vez mais insistentes dos grupos das diversas regiões do país.

De Pernambuco, foram escolhidos dois espetáculos adultos e um infantil: *Rua do Lixo, 24*, do Grupo Feira de Teatro Popular (antigo Grupo de Cultura Teatral), de Caruaru; e *Festaça no Reino da Mata Verde e Carnaval da Alegria*, do Mamulengo Só-Riso, de Olinda. No elenco do grupo olindense, os atores/manipuladores Nilson de Moura, Conceição Barbosa, Gilberto Maymone, Beto Diniz, Conceição Acioli e Fernando Augusto.

Na Região Metropolitana do Recife, o ano de 1978 marcou a continuidade de apresentações de diversos espetáculos estreados em 1977 (ou antes mesmo), como, por exemplo, *Uma Rosa Amarela Para Belinha*, do Teatro de Arena Guararapes, dirigido por Irapuan Caeté, que cumpriu nova temporada na cidade do Jaboatão dos Guararapes, desta vez aos domingos, às 17 horas, no Grêmio 13 de Maio, e também no Sesi do Jaboatão. Posteriormente, a montagem foi vista na Casa da Cultura, na capital pernambucana. No Recife e em Olinda, *A Duquesa dos Cajus*, pelo Grupo de Teatro Canto Livre; *O Violino Encantado*, pelo Teatro Experimental de Olinda (TEO), que promoveu um “circuito periférico”,

indo a vários lugares como o Cine Pagé e Grêmio Esportivo Paulistense, no município do Paulista, e o Colégio Paola Fassinete, em Prazeres, totalizando 26 apresentações financiadas pelo Serviço Nacional de Teatro; *Pedacinho de Lua*, do Teatro Piolin; *Pluft, o Fantasma*, do Teatro Hermilo Borba Filho; *Uma História Para o Conde Gato*, do Clube de Teatro Infantil, e *Carnaval da Alegria*, do Mamulengo Só-Riso, também foram vistos ou revistos pelo público. Falando nisso, o jornalista Valdi Coutinho lembrou do sucesso de *A Viagem ao Faz de Conta*, do Teatro da Criança do Recife, em sua coluna *Cena Aberta*, no *Diário de Pernambuco* (11 de junho de 1978):

Escolhido como o melhor espetáculo do gênero, em 1976, “A Viagem” teve mais de 100 apresentações em teatros, grupos escolares e clubes sociais do Recife e é, segundo Carlos Lagoeiro, “vibrante quando os personagens se encontram em cena, articulando uma trama engraçada e, ao mesmo tempo, educativa”.

Uma das novidades no início do ano foi a temporada do espetáculo *O Rato Que Queria Ser Marinheiro*, de Isa Fernandes, sob direção e cenário de Leandro Filho e direção musical de Paulo Rubem (Paulo Rubem Santiago), pelo Clube de Teatro Infantil. No elenco, Rejane Santos, José Raimundo (Raimundo Branco), Graça

Rodrigues, Marcos Oliveira e Carlos Alberto. A estreia aconteceu no dia 29 de janeiro de 1978, no Teatro do Parque, mas a peça chegou a ser apresentada também no Teatro Santa Roza, em João Pessoa. A partir de 7 de maio, no palco do Teatro do Parque, nova versão após a estreia em 1972 do texto *O Macaco Bom de Bola*, de Leandro Filho, também na direção e concepção de cenário. No elenco, Tarciso Sá, Jonira Máximo, Gutemberg (sem indicação do sobrenome), Graça Rodrigues, Rejane Santos e Marcos Oliveira. Ainda na ficha técnica, direção musical de Gamaliel Perruci Júnior e coreografia de Uirandey Lemos. Em novembro, a partir do dia 4, agora ocupando temporada no Teatro de Santa Isabel, foi a vez do espetáculo *O Planeta dos Palhaços*, de Pascoal Lourenço, com direção de Leandro Filho, que contou com cenários e figurinos de Diva Pacheco e produção de Paulo de Góes, ainda numa realização do Clube de Teatro Infantil. No elenco de adultos e crianças, João Ferreira, Paulo Mendonça, Eduardo Mendonça, Pascoal Pacheco, Flávio Mendonça, Sévio Mendonça, Severino Mendonça, Robson Pacheco, Carmem, Vanusa, Vilma, Luciana, Rui, Carlos, Flávio, Graça (os oito últimos sem indicação dos sobrenomes).

De 3 a 11 de junho de 1978, o Teatro do Parque foi sede do I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, promoção do Clube de Teatro Infantil e Associação Cultural e Educacional, sob a coordenação de Leandro Filho. Onze peças estavam na programação, cuja abertura aconteceu num sábado, às 10 horas, com a montagem *Putz, A Menina Que Buscava o Sol*, de Maria Helena Kühner, pelo Grupo Expressão, da Fafire, sob direção de José Francisco Filho. No mesmo dia, às 16 horas, foi a vez de *Filha de Bruxa Não é Bruxinha*, de Leandro Filho, pelo Grupo de Teatro Infantil 17 de Janeiro. Participaram ainda *A Duquesa dos Cajus*, peça de Benjamim Santos, com direção de João Ferreira, pelo Grupo de Teatro Canto Livre, de Beberibe, no domingo, às

O Rato Que Queria Ser Marinheiro



10 horas; *Quê Pê Côi Pôi Sá Pá*, de Pernambuco de Oliveira, com o Grupo Interação de Teatro Infantil, na segunda-feira, às 16 horas; *Chapeuzinho Vermelho*, de Maria Clara Machado, com o Grupo Acauã, do IEP (Instituto de Educação de Pernambuco), na terça-feira, às 16 horas; *A Oncinha Vermelha*, de Maria Lúcia, pelo grupo Teatro de Arte, do município do Jaboatão dos Guararapes, na quarta-feira, às 16 horas; *A Viagem ao Faz-de-Conta*, de Walter Quaglia, com direção de José Francisco Filho, e *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, dirigida por Paulo de Castro, ambas com o Teatro da Criança do Recife, respectivamente na quinta e sexta-feira, sempre às 16 horas; *O Rato Que Queria Ser Marinheiro*, de Isa Fernandes, em realização do Clube de Teatro Infantil, no sábado, às 10 horas e, às 16 horas, *O Macaco Bom de Bola*, de Leandro Filho, pelo Teatro de Comédia do Recife (aqui, estranhamente assinada por este núcleo adulto que Leandro Filho fazia parte).

clássico de Maria Clara Machado na capital do Agreste, sob orientação do médico Luiz Gonçalves, segundo matéria no *Jornal Vanguarda* (15 de abril de 1978). A equipe havia sido fundada em dezembro de 1977, composta por jovens Bandeirantes e integrantes do TEA (Teatro Experimental de Arte). Ainda tratando do I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, o *Diário de Pernambuco* (1 de junho de 1978) divulgou que o objetivo do evento era “estimular os grupos, atores e diretores que se preocupam com o Teatro Infantil” e incentivar o público a comparecer às apresentações. A iniciativa de Leandro Filho contou com o apoio do Serviço Nacional de Teatro e da Prefeitura Municipal do Recife. O mais curioso é que todas as peças estavam sendo submetidas à apreciação de um júri infantil, que selecionou as três melhores apresentações (não encontradas na imprensa).

Paralelamente ao I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, no palco do Teatro Valdemar de Oliveira, a meninada podia conferir a temporada de sucesso de *Maria Minhoca*, texto de Maria Clara Machado na versão do Teatro da Criança do Recife, com Paulo de Castro na direção, em cartaz aos domingos do mês de junho, às 16 horas, com casa sempre cheia. [No novo elenco,](#)



Maria Minhoca

Encerrando o festival no domingo, às 10 horas, o Grupo de Teatro Infantil de Caruaru apresentou *Pluft, o Fantasminha*, mas tudo faz crer que o nome do grupo saiu equivocado na divulgação do evento, já que consta que, em 1978, foi o Cine-Teatro Infantil Bandeirantes, corpo cênico do Núcleo das Bandeirantes de Caruaru, o responsável pela montagem deste texto



Maria Minhoca

Suzana Costa (Maria Minhoca), Paulo Estevam (Chiquinho Colibri), Maurício Campos (Mister Bulldog), Paulo de Castro (Capitão Quartel) e Carlos Lagoeiro (Pedro Fon-Fon). Posteriormente, a peça passou a ser apresentada também aos sábados, às 16h30. Durante o I Festival de Teatro Infantil, quem cumpriu temporada no Teatro Valdemar de Oliveira foi o grupo carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone, com a peça *Trate-me Leão*, sucesso principalmente entre a juventude, tão carente de espetáculos. A última sessão aconteceu no Teatro do Parque, paralelamente ao evento dedicado às crianças do Recife. Em seguida, a trupe seguiu para Caruaru.

Na cidade do Cabo de Santo Agostinho, a 30 km do Recife, de 27 a 30 de julho de 1978, aconteceu o I Congresso da Confenata naquele município, em paralelo à I Mostra Norte/Nordeste de Teatro, dois importantes eventos sob a coordenação dos grupos Teatro de Amadores do Cabo (TAC) e Povoarte Grupo Teatral. Em meio a produções teatrais de vários estados do Norte e Nordeste, o Teatro de Amadores do Cabo apresentou duas peças, a adulta *Quarto de Empregada*, de Roberto Freire, com direção de José Antônio; e a infantil – única em toda a programação – *O Sapateiro do Rei*, de Lauro Gomes, com direção de Helena Pedra, estreada naquele ano na Paraíba, no III Festival de Inverno de Campina Grande. A peça, inclusive, participou de vários outros festivais, como em São Cristóvão (SE) e Ponta Grossa (PR), além de ter ido ao Rio de Janeiro e São Paulo, com o apoio do SNT. Aquele era um período visto como de crescimento para o movimento teatral pernambucano.

Um dos maiores sucessos do teatro em 1978 foi mesmo a 1ª montagem no Recife de *Os Saltimbancos*, texto de Sérgio Bardotti e músicas de Luiz Enriquez, com tradução e adaptação de Chico Buarque de Holanda, pelo TAP-Júnior, peça que perdurou por anos com enorme pú-



Os Saltimbancos

blico. A estreia aconteceu no dia 22 de julho de 1978, no Teatro Valdemar de Oliveira. A direção era de Adhemar de Oliveira Sobrinho (Pedro Oliveira), também responsável pelo cenário. Na enorme equipe envolvida, ele tinha como assistentes de direção Patrícia Mendes (Patrícia Breda) e Cristiana de Oliveira, além da supervisão geral e iluminação de Reinaldo de Oliveira. Ainda na ficha técnica, figurinos de Hercy de Oliveira; sonoplastia e efeitos especiais de Fernando de Oliveira; maquiagem de Nita Campos Lima; coreografias de Maria Tereza de Edmundo Moraes, Maria de Fátima Alves, Patrícia Mendes (Patrícia Breda) e Solange de Oliveira; penteados de Mariinha; coordenação geral de Betty de Oliveira; e supervisão das crianças do elenco de Maria Lúcia Ribeiro. O jornalista Valdi Coutinho saldou a montagem no *Diário de Pernambuco* (20 de julho de 1978):

A peça vem sendo encenada no mundo inteiro, e, atualmente, se acha em cartaz em quase todos os Estados do





Os Saltimbancos

País. No Recife, o Teatro de Amadores de Pernambuco, obteve a exclusividade de direitos autorais e ainda o "play-back" original das músicas, assim como estão sendo apresentadas no Rio e em São Paulo, graças a um (sic) gentileza especial de Chico Buarque de Holanda. (...) A retaguarda do espetáculo está confiada aos veteranos do TAP (...) Os dirigentes do TAP chama (sic) a atenção dos adultos para o fato de que o espetáculo também é dirigido para ele (sic), com o seguinte "slogan": "Peça ao seu filho para lhe levar".

No elenco, Adhelmar de Oliveira Sobrinho (Pedro Oliveira, Jumento), Harry Gomes (Cachorro), Patrícia Mendes (Galinha), Cristiana de Oliveira (Gata), Sheila de Carvalho Dantas, Vanda Barreto Gomes (Baronesas), Hermógenes Araújo, Ricardo Vauthier (Barões) e o Coral Catavento, da TV Jornal do Commercio, parceira nesta realização (formado pelas crianças Adriana Brayner, Alberto Torres, Ana Carla Gouveia, Daniela Kyrillos, Denys Ferraz, Dilene Ferraz, Dinazinha de Oliveira, Edja da Silva, Elizabeth Gouveia, Fabiana Menezes, Geórgia Kyrillos, João Carlos Malheiros, Jocigênes Monteiro, Joel Cardoso, José Louredo Torres, Luciano Brayner, Márcia Valéria, Maria Helena Silva, Maria Inês Silva, Patrícia França, Rosinha de Oliveira, Roselane Torres, Simone Souza, Sumaya Kyrillos, Valéria de Paula, Roberta e Gisele, as duas últimas sem registro do sobrenome). O *Jornal do Commercio* (29 de julho de 1978) apontou o sucesso inicial da montagem:

Desde a semana passada se encontra em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, a revista musical infantil "OS SALTIMBANCOS". A apresentação é do T.A.P. Júnior, departamento infanto-juvenil do Teatro de Amadores de Pernambuco, a quem está diretamente ligada a produção do espetáculo. As lotações dos espetáculos do fim da semana que passou foram esgotadas e a procura durante esta semana levou os diretores do conjunto a promover "duas sessões", hoje e domingo, às 16 e às 18 horas. (...) Chico Buarque de Holanda traduziu e adaptou para o português esta fábula musicada que se baseia no conto dos Irmãos Grimm "Os músicos de Bremen". A direção do espetáculo, que apresenta de (sic) inovações de efeitos especiais está a cargo de Adhelmar de Oliveira Sobrinho, que mantém sob seu comando mais de 40

Os Saltimbancos





Os Saltimbancos

figurantes além de interpretar o principal papel. (...) O coral Catavento do Canal 2, sob a direção de Maria Lúcia Ribeiro é o ponto alto do apoio da apresentação (...) Na parte técnica do espetáculo há efeitos com a utilização de gelo seco, de luz negra, lâmpadas estroboscópicas ao lado de iluminação especial. (...) estando o som, especialmente enviado por Chico Buarque com o apoio da Phonogram (...) o Teatro de Amadores de Pernambuco investiu milhares de cruzeiros. Os ingressos estão à venda na bilheteria do Teatro ao preço único de Cr\$ 50,00. Aconselha-se a aquisição com antecedência em vista da grande procura.

No mês de agosto, quem ganhou destaque no *Diário de Pernambuco* (11 de agosto de 1978) foi o Palhaço Pipoquinha, personagem da atriz, diretora e musicista Fátima Marinho. Sua proposta de apresentações, não só em festas nas casas de famílias como em clubes ou associações, era “educar fazendo graça”:



Palhaço Pipoquinha

É o palhaço “Pipoquinha”, que tem cara de menino levado, alegre, brincalhão, surgido em 1974, na cidade de Pouso Alegre, sul de Minas, durante excursão promovida por um grupo de alunos do Cecosne. A técnica utilizada por Fátima Marinho, nas festas de batizado ou aniversário, nas residências ricas ou de classe média da Capital, é diferente. Ela não diz piadas aos garotos, nem faz cambalhotas ou grita, procurando chamar-lhes a dispersiva atenção! – Tenho um método especial para educar as crianças que assistem às apresentações do palhaço “Pipoquinha”: procuro socializá-las através de participação das brincadeiras que vão da competição esportiva aos exercícios de mímica. (...) depois, à brincadeira um tanto desusada nos grandes centros sociais do País, de roda. Canta-se e bate-se palma, faz-se a expressão corporal.

Naquele ano, Fátima Marinho fundou o Grupo Pipoquinha e lançou, a partir de 1979, espetáculos musicais no Teatro de Santa Isabel. Ainda em 1978, no mês de dezembro, além da temporada vitoriosa de *Os Saltimbancos*, pelo TAP-Júnior, no Teatro Valdemar de Oliveira (espetáculo que contou com o patrocínio do Serviço Nacional de Teatro), há registro ainda das seguintes peças em cartaz no Recife: *Meu Amigo Papai Noel* (sem indicação dos seus realizadores), no Teatro de Santa Isabel; e *O Segredo do Tesouro*, do Clube de Teatro Infantil, no Teatro do Parque, com o 1º texto assinado pelo até então ator, Gamaliel Perruci Júnior. **A montagem contou com direção de Leandro Filho; cenário de Ozita Araújo; figurinos de Ilza Cavalcanti; coreografia de Conceição Silva; e direção musical de Flávio César Nascimento. No elenco, além do próprio autor, estavam Marcos Oliveira, Uirandey Lemos, Rejane Santos, Jonira Máximo, Fábio Costa e Albemar Araújo.**



A Revolta dos Brinquedos

Outra estreia de sucesso aconteceu com o Teatro da Criança do Recife, que produziu *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, na direção de José Francisco Filho. No elenco que ficou em cartaz no Teatro de Santa Isabel, Carlos Lagoeiro, Carlos Carvalho, Ivonete Melo, Stela Gatis, Rosa Machado, Maurício Campos e Marcus Vinícius. No *Diário de Pernambuco* (20 de outubro de 1978), na coluna *Cena Aberta*, Valdi Coutinho destacou “o bonito figurino, assinado por Diva Pacheco, salientando-se ainda a expressiva maquiagem a cargo de Gilson Guedes”. Dois palhaços, Cocorote e Brasinha, eram responsáveis pela abertura do espetáculo. Em data imprecisa, mas certamente após a estreia de *A Revolta dos Brinquedos*, José Francisco Filho ainda dirigiu para o Teatro da Criança do Recife, *O Coelho Pitomba*, texto de Milton Luiz, com os atores Roberto Lessa e Luiz Maurício Carneira, entre outros.

O final de 1978 também foi o período em que o Grupo de Teatro Bandepe, conjunto teatral ligado a uma instituição financeira, o extinto Bandepe, banco do Governo do Estado de Pernambuco, lançou seu 1º e único trabalho para crianças, *O Galo de Belém*, auto infantil de Walmir Ayala e direção geral de Lúcio Lombardi. No elenco, Virgínia Ferraz (Estrela), Bonfim (1º Pastor), Péricles Gouveia (Rei Mago), Marluce Ribeiro (Rainha Maga), Romero Andrade (Galo), Vicente Monteiro (Estalajadeiro), Maria Elena (Estalajadeira), Lucicleide

Trindade (Maria), Hermano Figueiredo (José), Edjeso Ferreira (Velho Pastor), Clóvis Bezerra (2º Pastor) e participação especial do Coral Bandepe, sob a regência do maestro José da Cunha Beltrão. No ano de 1978 surgiu ainda um novo grupo de teatro de bonecos no Recife. Segundo trecho extraído de *Bonecos & Bonequeiros – Catálogo da Produção de Teatro de Bonecos em Pernambuco*, publicação que a Associação Pernambucana de Teatro de Bonecos (APTB) pretendia editar em 1999 com o apoio da Funarte, e não se efetivou, de acordo com o presidente da entidade e autor da obra, Jorge Costa (documento enviado via e-mail em 14 de setembro de 2007, p. 7):

O Mamulengo Vem Vem foi criado em março de 1978. Está inserido no setor de lazer Artístico do SESI/PE e tem como objetivos, entre outras coisas, resgatar um pouco da memória e da cultura popular nordestina. Seus integrantes são todos funcionários da instituição.

No município do Jaboatão dos Guararapes, *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, com direção de Tell Lúcia, foi uma realização do Grupo de Teatro Amador de Prazeres, vista inclusive no Teatro de Santa Isabel. No elenco, Herculano dos Santos, Maria da Paz Mota, Ricardo Medeiros, Tell Lúcia, Jaqueline Lúcia, Rejane Ferreira, Antônio de Pádua, Rejanete Ferreira, Simone Lúcia, Wilson Ferreira, Iracema do Nascimento e Wildo Barbosa. Na cidade de Arcoverde, surgiu a Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc) com dois esquetes concebidos coletivamente, *O Embarque de Noé* e o infantil *Chapeuzinho Vermelho*, com Tito Araújo no elenco, além dos atores Paulo Oliveira (Paulo de Oliveira Lima), Luiz Vieira, Laíce Brito e Etiene Santos, entre outros. Como produções do Recife, vale lembrar ainda *Sa-labim*, *Um Mundo de Ilusões*, provavelmente a montagem de estreia do Grupo de Teatro Tio

Zezinho, com texto e direção de José Passos, com cenário de Zezinho Almeida e José Almeida; figurinos de Dalva Sampaio; iluminação de Antônio José; e maquiagem de Silva Neto. No elenco de adultos e crianças, José Passos, José Bandim, Silva Neto, Lugom Sérgio, Luiz Eurico, Martiniano Almeida, Elvira Almeida, Edno Maciel, Vera e Gilson (os dois últimos, sem registro do sobrenome). No livro-homenagem *Antônio de Almeida, Zezinho do Santa Isabel* (2009, p. 70), o pesquisador Marcondes Lima revela algo sobre a montagem:

Um panfleto, sem data, revela a parceria [de Zezinho] com o Dr. José Passos, advogado que amadoristicamente se aventurava em produções de revista e outras voltadas para o público infantil. O impresso serviu para divulgar uma produção do Grupo de Teatro Tio Zezinho que apresentaria nova temporada do espetáculo Saladim (sic): um mundo de ilusões (revista mágico infantil), aos sábados e domingos às 16h30, no Teatro de Santa Isabel, onde afirmavam que mais de duas mil pessoas já haviam assistido à montagem. Maria Elvira confirma isso ao me contar: "(...) Eu fazia o papel do Coelho Alegre; participava de vez em quando de algumas apresentações em escolas e festas de aniversário, com o Palhaço Verdinho, criação do meu pai e do José Passos (que fazia o papel do palhaço)".

Também foi lançada *A Sereia de Prata*, de Walmir Ayala, estreia do Trapézio Grupo Teatral dirigido por Buarque de Aquino, trabalho que retomou a ideia das matinês infantis aos domingos no Recife, a partir do dia 6 de agosto de 1978, no Teatro Valdemar de Oliveira, uma empreitada que não deu muito certo. Segundo Valdi Coutinho no *Diário*



de Pernambuco (6 de agosto de 1978), o elenco contava com "alunos do Liceu de Artes e Ofícios, Fafire, Unicap e UFPE": Manoel Constantino, Dayse Marques, Eurico Barbosa, Geane Bezerra, Carlos Alberto, Ângela Serpa, Alexandre Pacheco, Betânia Maia e Jarbas Januário. De 5 a 10 de setembro de 1978, no Teatro de Santa Isabel, foi a vez do Grupo Gente Nossa (com este nome em homenagem ao extinto grupo liderado por Samuel Campelo) apresentar o melodrama em 3 atos, *A Família Som*, de Paulo Ferreira, voltado a todas as idades, com trilha sonora de Antúlio Madureira e Antero Madureira, e direção de Luís Lima. No elenco, Jonas Silva (Dó), Walmir Chagas (Ré), Alda Guimarães (Mi), Raquel Wanne (Fá), Bartolomeu Buene (Sol), Socorro Pires (Lá), Icleiter (Si), Paulo Ferreira (Vovô), Rejane Santos (Lídia) e Luís Lima (Pastor).



Há ainda registro das peças *O Infeliz Professor de Música* e *O Colar de Maroquinhas Fru-Fru*, ambas de autoria da professora Aida Sabat Feldmann, feitas com seus alunos no Orfanato Bezerra de Menezes, em homenagem ao Dia da Criança, além de três produções visitantes no Recife em 1978: *A Gaiola de Avatisiú*, do Grupo Hombu (RJ); *O Gato de Botas*, do Teatro da Juventude do Rio de Janeiro (RJ); e *Os Saltimbancos*, do Grupo Mutirão (MA). No total, vinte e sete produções direcionadas a infância foram registradas em 1978, em cidades como Recife, Olinda, Caruaru, Jaboatão dos Guararapes e Cabo de Santo Agostinho, segundo dados do *Anuário do Teatro Brasileiro 1978* (1978, p. 131-158), publicação do Serviço Nacional de Teatro, além de informações colhidas em jornais, programas de espetáculos ou entrevistas.

O Clube de Teatro Infantil bateu o recorde de realizações, com oito peças diferentes apresentadas naquele ano: *Uma Viagem ao Reino das Formigas*, *O Coelho Falador*, *O Macaco Bom de Bola*, *O Rato Que Queria Ser Marinheiro*, *O Segredo do Tesouro*, *O Planeta dos Palhaços*, *Uma História Para o Conde Gato* e *A Volta do Camaleão Alface*. E além da continuidade da versão de *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, pelo Teatro da Criança do Recife, há registro de uma encenação do mesmo texto,

por Nildo Garbo, pelo Grupo Folguedo de Arte Popular, em Caruaru, produção que, inclusive, participou do III Festival de Inverno de Campina Grande, na Paraíba, em julho de 1978. Ainda em Caruaru, em dezembro daquele ano, segundo entrevista (26 de junho de 2013), Arary Marrocos dirigiu *A História dos Três Porquinhos* (sem indicação do autor) e *Auto de Natal* (de Leandro Filho) com o Grupo de Teatro Infantil do Sesi, no Centro de Atividades José de Vasconcelos e registro mínimo nos jornais da época.

Nos dois primeiros meses de 1979, o Serviço Nacional de Teatro promoveu a 2ª edição do Projeto Mambembão e Mambembinho, com apresentações no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília de doze novos espetáculos do país inteiro. Desta vez, Pernambuco conseguiu emplacar duas montagens adultas, ambas de Olinda, *Chico Rei*, do Teatro Ambiente do MAC, e *Repúblicas Independentes, Darling*, do Grupo de Teatro Vivencial. Ainda em janeiro, estreou no Teatro Valdemar de Oliveira, em temporada aos sábados e domingo, por um mês, *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, trabalho de estreia do Grupo Sudene, formado por funcionários ligados à Associação dos Servidores da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento

Maria Minhoca





A Bruxinha Que Era Boa

do Nordeste), sob direção de João Menezes, tendo como atores convidados Inalda Silvestre (Bruxa-Chefe) e Sávio Carrilho (Pedrinho). Ainda no elenco, Maria Mattoso (Bruxinha Ângela), Majôr Vieira (Bruxinha Caolha), Carminha Azevedo (Bruxinha Fredegui), Dôra Pimentel (Bruxinha Fedelha), Teca Melo (Bruxinha Federos), João Menezes (Bruxo Belzebu II, também assinando cenário e figurinos) e Gilsó (Vice-Bruxo).

A partir do dia 11 de março de 1979, no Teatro de Santa Isabel, o Grupo Pipoquinha, liderado pela atriz, diretora e musicista Fátima Marinho, foi responsável pelo 1º sucesso entre as retomadas das matinais teatrais dominicais recifenses no final da década de 1970, com o show infantil *Domingo Alegre* e destaque para o preço acessível ao público. Paralelamente a este lançamento e na mesma data, o Clube de Teatro Infantil, liderado por Leandro Filho, também decidiu transferir o espetáculo *A Volta do Ca-*

*maleão Alface*, de Maria Clara Machado, que até então era apresentado à tarde, no Teatro do Parque, para o horário dominical das manhãs. Somente em agosto de 1980, o produtor Ulisses Dornelas retomou definitivamente esta iniciativa do horário infantil matinal, com sequência constante de espetáculos no Teatro de Santa Isabel.

Com texto e direção da própria Fátima Marinho, o espetáculo *Domingo Alegre* lançou o Grupo Pipoquinha no mercado teatral para crianças, em atividade ininterrupta até o fechamento desta pesquisa em dezembro de 2013. O *Diário de Pernambuco* (29 de abril de 1979) descreveu o trabalho:

Todas as manhãs (10 horas) de domingo, o Grupo Pipoquinha está enchendo o Teatro Santa Isabel de crianças que vão assistir o show infantil "Domingo Alegre", cheio de atrações, e com objetivo de levar cultura e educação através de um trabalho teatral. Fátima Marinho é o palhaço Pipoquinha, mas desempenha outros papéis dentro do espetáculo: a moça, boneca Fatico (...) com muitas brincadeiras e improvisações, estimulando a criança a participar ativamente da função.

Ainda no elenco, Péricles Gouveia (Irmão Estanisláu, Médico e Consertador de Brinquedos), Osman Jordão (Palhaço Pipocão e Velho



Domingo Alegre



Domingo Alegre

Isabel. Tinha gente que voltava porque não dava para entrar. Foi lindo!

Após a temporada de *A Volta do Camaleão Alface*, peça cujos atores Marcos Oliveira, Gamaliel Perruci, Cida Melo, Conceição Silva, Tonico Santos, Biu Mendonça, Roberto Lessa, Flávio César Nascimento, Carlos Brito e Djalma Almeida vinham atuando desde 1978, a 1º de maio de 1979 Leandro Filho dirigiu novo espetáculo, *No Planeta das Bruxas*, no Teatro do Parque. O texto e cenário também eram dele, com figurinos de Ozita Araújo, luz de Antônio José e som de Gamaliel Perruci. No elenco, José Sales, Graça Rodrigues, Conceição Silva, Carmem Martine, Fátima Pink, Walter Boa Vista e Mônica de Lourdes. Já o espetáculo *Uma Viagem ao Reino das Formigas*, texto de Flávio César Nascimento, outra direção de Leandro Filho em 1979, contou com os atores Gamaliel Perruci Júnior, Flávio César Nascimento, Djalma Almeida, Luiz Almeida, Cida Melo, Carmem Martins, Graça Rodrigues, Conceição Silva, Ivaldo Souza e Walter Boa Vista. Os figurinos eram de Ozita Araújo e Gamaliel Perruci Júnior, este último, também responsável pelo cenário.

Ferreiro, além de violonista), Iratangi de Lima (Menino, Pipoqueiro e Titiriteiro, além de percussionista) e Ivanildo José (Lobo, Jardineiro e Titiriteiro, além de violonista). Por e-mail (22 de julho de 2008), numa conversa descontraída, ela chegou a confessar:

Os funcionários do Santa Isabel me alertaram que eu não teria sucesso, porque muitos já tinham tentado e era fracasso total. Mas nessa época [eu apresentava o programa televisivo] "Tarde Alegre", na TV Tupi então bastou convidar o público e o preço como sempre baratinho, "entonce" superlotou o Santa

A 29 de junho de 1979, morreu Alfredo de Oliveira, aos 64 anos, um dos homens mais inquietos do teatro pernambucano e, entre tantas atividades, fundador do Teatro de Brinquedo, companhia que iniciou a profissionalização do gênero infantil em Pernambuco. Também no mês de junho foi fundado o Teatro de Bonecos Lobatinho, com atuação ininterrupta desde então, pelo menos até a finalização desta pesquisa em dezembro de 2013. O seu mentor foi José Dias de Melo, que esteve à frente do grupo até fevereiro de 2004, quando veio a falecer, sendo substituído por membros da família. Ainda tratando do universo bonequeiro, curiosamente, somente em agosto de 1979, o Mamulengo Só-Riso finalmente foi visto em sua 1ª grande temporada no Recife, do dia 18 daquele mês

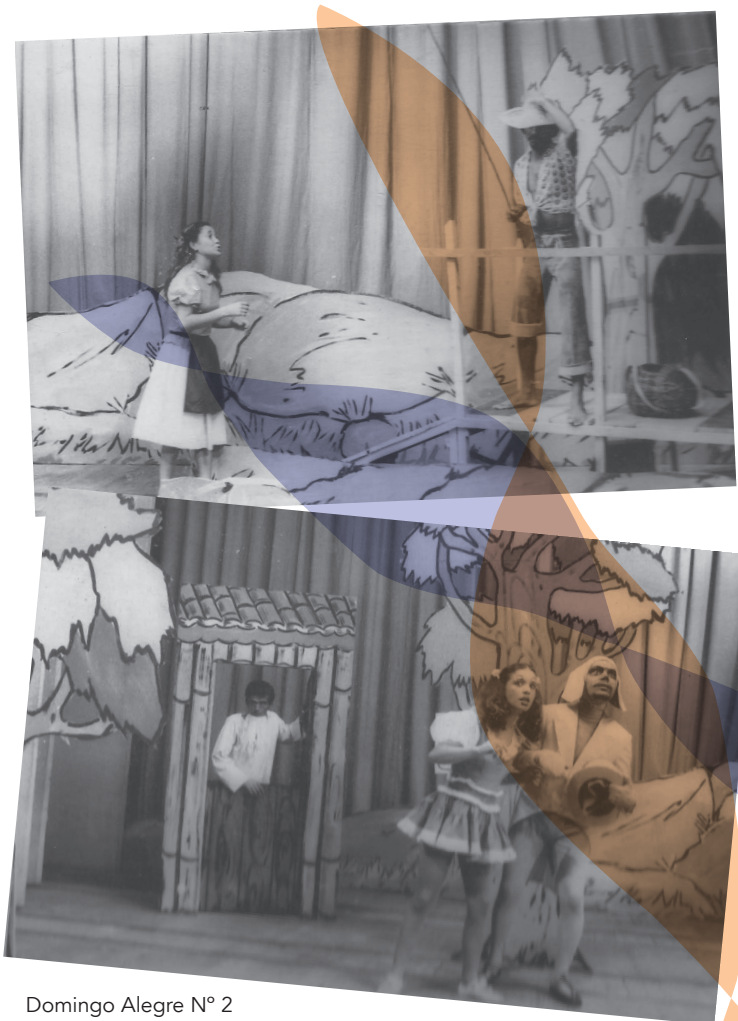


Carnaval da Alegria

até 30 de setembro, no auditório do Cecosne, na Madalena, com *Carnaval da Alegria*, aos sábados e domingos, às 16 horas, sob o comando do Palhaço Melancia (Nilson de Moura) e mais 30 bonecos. Pouco antes, o grupo havia recebido elogios no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte. Já o Teatroneco apresentava naquele momento, *Socorro, Salvem os Porquinhos!*, com texto e direção de Augusto Oliveira, com ele, Cerena Rocha, Celeste Dias e Izabel Pinheiro no elenco, mas o grupo também preparou naquele ano, *Circo da Fantasia*, com texto e direção de Augusto Oliveira e ele, Waldeth Oliveira, Izabel Pinheiro, Luciano Silva e Carena Rocha como atores bonequeiros.

Em outubro de 1979 surgiu um novo espetáculo do Grupo Pipoquinha, *Domingo Alegre N° 2*, em outra temporada de sucesso no Teatro de Santa Isabel, ainda nas matinais domingueiras. Aos sábados pela manhã, a equipe fazia divulgação na Praça da Independência, apresentando cenas da montagem. O texto foi concebido por Osman Moreira Jordão e Fátima Marinho, que dirigiu a peça e ficou responsável também pelo cenário, figurino e maquiagem. A iluminação foi assinada por José Falcão. No elenco, Fátima Marinho, Osman Moreira Jordão, Joseildo Marinho, Iratangi de Lima, Ivanildo José, Graça Marques, Fátimo Fernandes, Zezo Oliveira, Antônio, Aidil, Maria, Marcos e Washington (os cinco últimos sem indicação do sobrenome). Uma matéria de destaque no *Diário de Pernambuco* (26 de outubro de 1979) ressaltou a perspectiva da artista Fátima Marinho:

Segundo ela, “a filosofia do Grupo Pipoquinha é retratar, através da arte cênica, pontos reais da vida de nossa gente. Daí a dificuldade de encontrar textos teatrais não fantasiosos, não fictícios, não utópicos. Estamos numa linha de teatro realista, porém, não agressiva, uma verdadeira. Criamos textos e músicas sem as bruxas, as fadas encantadas, sem a varinha de condão, tradicionais e aleatórias. Sei que são personagens simbólicos, mas a maior parte das crianças não assimila o que realmente representam eles”. (...) O espetáculo se constitui de duas peças sincronizadas, “Dom Cachorro e o Conde Gato” e “O Bumba-Meu-Boi”, a primeira de Osman Jordão, e a segunda da própria Fátima, que, com ela, procura atrair o público para alguns aspectos do nosso folclore. [A primeira] Retrata o



Domingo Alegre N° 2





Domingo Alegre Nº 2

problema do Conde Gato, que tem a mania de tirar o que é dos outros. (...) O conde agride a todos, não pretende perder as “suas terras” – que havia furtado. O povo, prejudicado, pede ajuda à platéia sobre o que fazer com o gato para ele deixar de roubar. Por fim, resolvem expulsar o conde Gato da comunidade oprimida. (...) “Bumba-Meu-Boi”, de Fátima Marinho, atrai o público pela sua plasticidade musical, coreográfica e a sua indumentária colorida. Baseada no folguedo popular natalino, centraliza o personagem o Boi, que vive alegremente, é morto pelo homem e resuscitado. Após o espetáculo, há, na frente do Teatro, uma recreação educativa, com músicas de roda, atores e público, pipocas, brincadeiras e jogos. E, como não poderia deixar de ser, a participação do Palhaço Pipoquinha.

Ao final da temporada, sobre a 2ª peça em sequência, registrou ainda o *Diário de Pernambu-*

co (30 de dezembro de 1979): “Trata-se de um trabalho voltado para as crianças retratando o folguedo natalino – o bumba-meu-boi, que simboliza a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo”. Naquele ano de 1979, cresceu consideravelmente o número de produções teatrais para a infância realizadas em Pernambuco. Segundo o *Anuário do Teatro Brasileiro 1979* (1979, p. 141-162), vinte e nove peças foram apresentadas, isto sem contar com a visita de três produções de outros estados: *Brincadeiras*, da Jangadeiro Artes e Diversões; *O Mágico de Oz*, do Teatro da Juventude, ambas do Rio de Janeiro; e *Vamos Brincar de Brincar?*, do Grupo Capixaba de Teatro (ES).

Das montagens pernambucanas com estreia em anos anteriores, constam: *A Duquesa dos Cajus*, do Grupo de Teatro Canto Livre; *A Revolta dos Brinquedos*, que passou a ser uma parceria entre o Teatro da Criança do Recife e a Aquarius Produções Artísticas (produtora profissional lançada naquele ano); *A Volta do Camaleão Alface*, do Clube de Teatro Infantil; *Danças Folclóricas – Viajando Pelo Brasil*, do Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato (voltando a ser sediado no Recife), com autoria, direção e manipulação de **Carlos Araújo e Veridiano Araújo**, além da colaboração de **Fernando Limoeiro**; *Carnaval da Alegria*, do Mamulengo Só-Riso; *O Casaco Encantado*, do Grupo de Teatro Amador de Prazeres; *Os*

Viajando Pelo Brasil



*Saltimbancos*, do TAP-Júnior; *O Fantasma Azul* (que retornou ao cartaz após a estreia em 1977, desta vez com os atores Izilda Wolpert, Luciano Roberto, José Raimundo/Raimundo Branco, Paulo André, Walter Boa Vista, Ismênia Maurício e Cláudia, sem registro do sobrenome), do Clube de Teatro Infantil; e *Salabim, Um Mundo de Ilusões*, do Grupo de Teatro Tio Zezinho.

Como um dos maiores sucessos da época, a peça *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, com direção, cenário e coreografia de José Francisco Filho, figurinos de Diva Pacheco, direção musical de Carlos Carvalho, administração de Paulo de Castro e contando com um elenco em constante revezamento (Pedro Henrique, Carlos Carvalho, Ivonete Melo, Maurício Campos, Sônia Roichman, Celeste Ribas, Albemar Araújo, Marcus Vinícius, Alberto Netri, Rosa Machado, Márcia Cabral e Lana Simões), ganhou análise do crítico Valdi Coutinho no *Diário de Pernambuco* (21 de julho de 1979), um espaço precioso no caderno cultural:

A Revolta dos Brinquedos



A Revolta dos Brinquedos

A peça “A Revolta dos Brinquedos”, apesar de já ter sido muitas vezes representada, continua fazendo sucesso, sendo uma das mais queridas do público infantil. Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga (falecido ano passado), autores de inúmeros textos, criaram uma verdadeira obra-prima da dramaturgia infantil, um dos mais bonitos e valiosos (...) sua peça vem sendo apresentada, há quatro meses, pelo Teatro da Criança do Recife (agora transformado em Aquárium Produções Artísticas Ltda) aqui no Recife, sempre prestigiada por um bom público, tanto infantil como adulto. Uma das maiores virtudes do texto é questionar para o mundo da criança, de uma maneira séria e objetiva, numa linguagem adequada à sensibilidade infanto/juvenil, um dos mais sagrados direitos da criança – o humano. De ser e existir, de pensar e agir livremente, tendo direitos alienáveis, tais como o da liberdade e o da defesa, entre outros. A história contada pela peça é a de uma menina má, que maltrata e quebra seus brinquedos, revoltada porque sua mãe lhe impõe um comportamento discriminatório – exigindo o zelo pelos mais caros (por isso mesmo de difícil acesso e manuseio, para não quebrar ou desgastar) e o descaso para os mais comuns e baratos (próprios, então, para o uso constante e abusivo). Uma noite, os bone-



cos revoltam-se e resolvem fazer justiça à sua maneira. Porém, logo eles se lembram que, até uma menina má, que quebra e maltrata seus brinquedos, inconseqüentemente, com aparente desumanidade, pode ter explicações que isentem ou atenuem a sua conduta, e resolvem fazer um julgamento de suas atitudes, antes de partir para qualquer represália. Criam um tribunal, com advogado de acusação e de defesa, juiz e testemunhas. Aí se encerra o valor maior do texto (...) levando o público infantil a conflitar valores e compreender o sagrado direito de defesa, mesmo para o aparente comportamento de malvadeza. O julgamento é feito em bom estilo forense, com discursos, palmas, depoimentos, testemunhos e protestos do advogado de defesa, em meio às “gags” que tanto agradam ao público infantil. Não faltam, porém, as alusões ao mundo da verdade, quando o fantoche pede para ser o advogado de acusação e o soldado de chocolate contesta: “(...) Essa é boa! Advogado fantoche! Isso é coisa que não falta no mundo da gente de verdade...”. “A Revolta dos Brinquedos” é rica em conflitos de valores, dentro de uma linguagem acessível e bem identificada com o universo em formação da personalidade infante/juvenil. A delação, a opressão, a chantagem, por exemplo, são checadas e postas às vistas das crianças para que elas próprias concluam o significado de cada uma delas.

Das estreias de 1979, foram ainda registradas como uma explosão de tantos novos trabalhos: *A História dos Fantasmas ou O Terrível Bandido da Máscara Vermelha*, de Leontil Lara e Nilson de Moura, com direção deste último, pelo Grupo Boca de Forno formado pelos atores Fátima

Gedalha, Piedade de Moura, Cláudio Fontes, Cecile Soriano, Gisele Reis, Paulo O'hara e Quica Pereira; *A Incrível Estória de Zé da Onça*, de Nilson de Moura e Fernando Augusto Santos, com direção deste último, pelo Mamulengo Só-Riso (que contou com patrocínio do Serviço Nacional de Teatro e circulou por centros comunitários e escolas públicas com os bonequeiros Conceição Barbosa, Nilson de Moura, Gilberto Brito e Fernando Augusto Santos); e *Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove*, de Sylvia Orthof, com o Teatro Assimétrico do Recife (Tare) em sua 2ª produção para a infância, que chegou a participar, em julho, do IV Festival de Inverno de Campina Grande (PB), como representante do teatro para crianças pernambucano, junto a *Socorro, Salvem os Porquinhos!*, do Teatroneco. No elenco de *Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove*, Didha Pereira, Fábio Costa, Marcus Henauth, Atená

Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove



Kitsos, Patrícia Mendes (Patrícia Breda), João Andrade e Carmelita Pereira. A peça contava com direção, cenário e figurinos de Nazareno Petrúcio (ainda assinando com os nomes artísticos invertidos), coreografia de Atená Kitsos, iluminação de Eugênio Gomes e direção musical da banda Som da Terra.



A Viagem de Um Barquinho

Como outras estreias de 1979, *O Mundo Colorido da Criança*, do Grupo Peralta de Shows Infantis, que contava com os artistas Mário Aguiar, Walmir Chagas, Lena Warren, Ângela Fischer, Ana Tereza, Edvaldo Farias, João Paulo Santos, Mister Deweis e Irmãos Ferreira; *O Pequeno Volantim*, de J. H. Fhutz, sob direção de Andreilino Meneses, pelo Teatro Estudantil Esuda, tendo no elenco Carlos Eduardo, Fausto Moura, Amanto Moto, Fernando Dural, Paulo André Bione, Fernando Azevedo, Sílvio Malta, Alexandre Henrique e Carlos Henrique Reis; *O Relógio Mágico*, de Fernando dos Paços, sob direção de Walter Araújo, pelo Grupo Zimba; *O Palhacinho Verdinho Encontra o Tesouro*, do Grupo de Teatro Tio Zezinho, sob direção de José Passos, com o mesmo como protagonista; *Pinóquio no Castelo Maravilhoso*, de Paulo Ferreira, com direção de André Luiz Madureira, pelo Grupo Gente Nossa e participação dos atores Ana Madureira, Walmir Chagas, Icleiber, Rita Wanne, Raimundo Silva (Raimundo Branco), Alda Guimarães, Paulo Ferreira, Cleanthro Oliveira, Ivan Presley, Marcos Almeida, Rita de Cássia, Marcos e João Carlos (os dois últimos sem registro do sobrenome); e *Zeca Muqueca na Terra de Sapeca*, espetáculo de bonecos com texto e direção de Ângela Belfort e direção musical de Severino Correia, pelo olindense Grupo Mamulengo (mais à frente rebatizado de Grupo Scenas).

Com o produtor Paulo de Castro à frente da administração e repertório cada vez mais elogiado por público e imprensa, a Aquarius Produções Artísticas também assinou duas novas realizações, primando por cenários, figurinos e adereços ca-

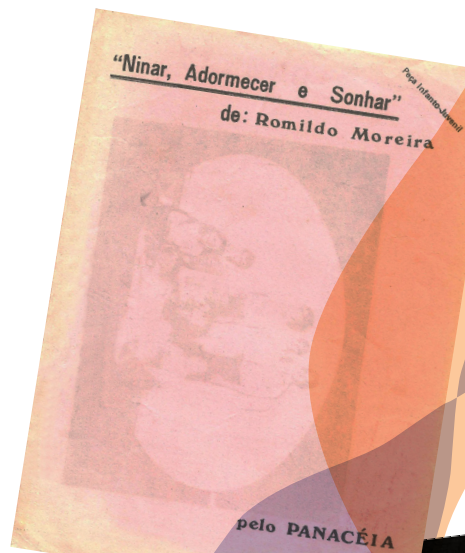
prichados de Buarque de Aquino. Com direção e coreografia do próprio, *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, reuniu os atores Linalva Reis, Sílvia Santos, Henrique Brito, Jacilene Melo, Iolanda Santos, Emanuel Firmo, Alcione Couto, Odin Dias, Wilson Júnior e Sueli Dias numa parceria de produção com o Grupo Ensaio, liderado por Buarque de Aquino. Já *Era Uma Vez, Um Circo*, texto e direção de Rubem Rocha Filho, trazia no elenco Ivonete Melo (também responsável pela coreografia), Luiz Lima, Zélia Sales, Saulo Viana, Mercês Medeiros e Buarque de Aquino. Ainda na ficha técnica, músicas e direção musical de Gilberto Maymone; iluminação de Lacerda; e máscaras de Carlos Carvalho.

Era Uma Vez, Um Circo



Assumido como um trabalho voltado para público específico em 1979, o infanto juvenil *Ninar, Adormecer e Sonhar* foi uma experiência do Grupo de Teatro Panacéia, liderado por Romildo Moreira. O texto e a direção eram dele, que assinava ainda os cenários e adereços junto à Pipiu (Lúcio Flávio Rios). As músicas eram do então estreado João Barreto Neto (João Falcão) e a iluminação de Triana Cavalcanti. Romildo Moreira recordou no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 190-191):

Depois de “Os filhos de Kennedy”, encenamos “Ninar, adormecer e sonhar”, que foi nossa primeira experiência infanto-juvenil. Estreamos em Salvador, na praça Castro Alves, no I Fórum de Teatro Brasileiro, exatamente na volta do Augusto Boal da França pro Brasil. Era um espetáculo pra rua e palco. Nós



encenamos a primeira parte dentro do Teatro Gregório de Matos, que hoje se chama Teatro Glauber Rocha, na praça Castro Alves e a segunda parte feita na rua. Esse espetáculo teve duas montagens. Fizemos uma temporada inicial no MAC de Olinda, a primeira parte no museu e o encerramento na frente dele, naquele palco ao lado da igreja. Depois disso, iniciamos uma segunda versão da peça, bem convencional, de palco à italiana, em temporada no Teatro do Derby.

No elenco desta 1ª versão de *Ninar, Adormecer e Sonhar*: Ana de Souza Lima (Kely), Alba Lúcia (Isa), Pipiu (Lúcio Flávio Rios, Estrela 1), Romildo Moreira (Estrela 2), Nildo Barbosa (Estrela Rainha) e Mário Lima (Repórter). Com bem mais destaque na imprensa e resultando em temporada de sucesso no Teatro do Parque, aproveitando o período natalino em 1979, o Clube de Teatro Infantil lançou sua versão para *O Boi* e o



Ninar, Adormecer e Sonhar





O Boi e o Burro no Caminho de Belém

*Burro no Caminho de Belém* (e não "a" como na obra original de Maria Clara Machado). No elenco dirigido por Leandro Filho, Gamaliel Perruci (Boi, substituído por José Brito), Walter Boa Vista (Burro), Sandra Ribeiro (Maria, estreando nos palcos), Biu Mendonça (José), Luiz Carlos (Pastor), Marcos Souza (Rei Preto), Marcos Oliveira (Rei Amarelo), Tony Cedrin (Rei Branco) e Conceição Silva, Sílvia Regina, Naná Marques, Lúcia Helena, Ana Cristina e Keila Costa (Pastorinhas). Participou mais à frente, Roberto Vasconcelos. Os figurinos foram concebidos por Ozita Araújo; sonoplastia de Gamaliel Perruci; e cenário de Geu Rodrigues. Uma matéria de capa no *Caderno Viver Domingo*, do *Diário de Pernambuco* (23 de dezembro de 1979, algo raro para a época), deu mais detalhes sobre os planos do grupo:

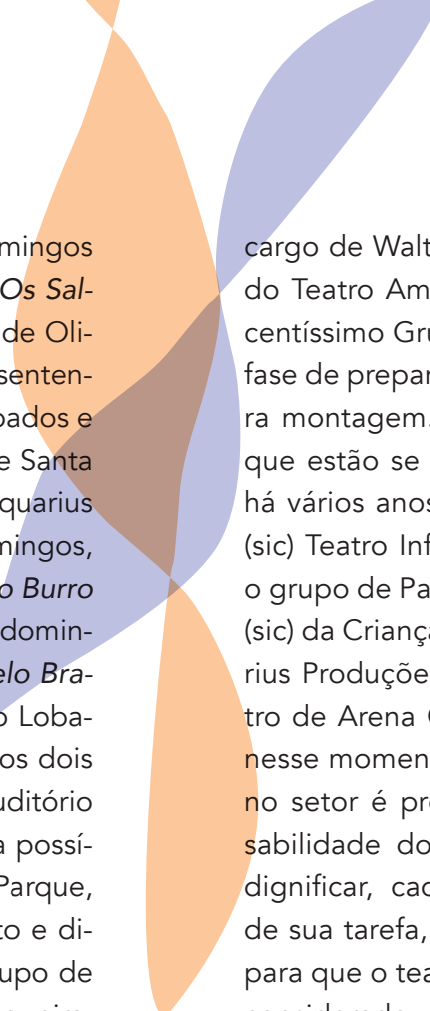
Tão logo encerre temporada de "O Boi e o Burro no Caminho de Belém", Leandro Filho vai decretar o "descanso

da companhia", que coincide com o fechamento do Teatro do Parque para reformas. "Estamos sendo carinhosamente despejados" – diz – "mas as reformas no Parque não podem ser mais adiadas. Temos que procurar outras casas de espetáculos para mostrar nossas peças (...) Com relação a "O Boi e o Burro a (sic) Caminho de Belém", Leandro acredita que a peça esteja alcançando seus objetivos: levar as (sic) crianças uma mensagem natalina fora do convencional. "É um espetáculo que pode universalmente ser compreendido. Trata-se de uma farsa-mistério escrita para gente de todas as idades, mas tem uma mensagem poética que procuramos adaptar à concepção infantil do Natal" (...) o elenco lembra que, à saída do espetáculo, haverá sorvetes grátis para as crianças.



O Boi e o Burro no Caminho de Belém

Patrocinado pelo Serviço Nacional de Teatro, com a colaboração da Secretaria de Turismo Cultura e Esportes/Fundarpe, do Governo do Estado, e da Federação do Teatro Amador de Pernambuco (Feteape), a campanha das "Kombis-Teatro Para o Povo" tomou as ruas do Recife no final de 1979, oferecendo sete espetáculos adultos e sete infantis a preços simbólicos, com postos de venda espalhados pela cidade, circulando inclusive nos subúrbios. Da programação infantil participavam *Domingo Alegre*



Nº 2, pelo Grupo Pipoquinha, aos domingos pela manhã, no Teatro de Santa Isabel; *Os Saltimbancos*, com produção de Adhemar de Oliveira (e não mais pelo TAP-Júnior, por desentendimentos com a direção do TAP), aos sábados e domingos, à tarde, também no Teatro de Santa Isabel; *Era Uma Vez, Um Circo*, pela Aquarius Produções Artísticas, aos sábados e domingos, no Teatro Valdemar de Oliveira; *O Boi e o Burro no Caminho de Belém*, aos sábados e domingos, no Teatro do Parque; e *Viajando Pelo Brasil*, do Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato, e *Circo da Fantasia*, do Teatroneco, os dois últimos aos sábados e domingos, no auditório do Cecosne. Ainda ao final de 1979, era possível conferir, aos domingos, no Teatro do Parque, *Presepadas do Dr. Munganga*, com texto e direção de André Luiz Madureira, pelo Grupo de Teatro Infantil Bando Real. No Sítio da Jaqueira, o Palhaço Pimpão (Marylam Sales) comandava o Festival da Criança, divulgando sua programação no roteiro do *Diário de Pernambuco* (19 de dezembro de 1979):

Shows, concertos e retetas, sorteios de brindes, brinquedos diversos, concurso miss Pernambuco mirim e Prefeito da Fecin, além de exposição de carros antigos de fórmula 1 e participação de bonecos da Disney e pastoril infantil.

Diante de tamanha profusão de grupos e espetáculos para a infância, o jornalista Valdi Coutinho lançou interessante reflexão sobre esta arte no *Diário de Pernambuco* (31 de julho de 1979), sob o título *Teatro infantil: o equívoco do rótulo*:

É muito salutar o aparecimento, em Pernambuco, de vários grupos querendo fazer teatro infantil. Para citar alguns, tão somente, vamos lembrar os mais novos, o Tio Zezinho, o Pipoquinha (*Domingo Alegre*), Circo Fantasia, o Boca-de-Forno, o Vivencial Infantil (a

cargo de Walternandes), o espetáculo do Teatro Ambiente do MAC, e o recentíssimo Grupo do Batata, ainda em fase de preparativos para a sua primeira montagem. Sem esquecer aqueles que estão se dedicando a esta tarefa há vários anos, tais como o Clube do (sic) Teatro Infantil (de Leandro Filho), o grupo de Paulo de Castro, ex-Teatral (sic) da Criança do Recife, agora Aquarius Produções Artísticas Ltda., o Teatro de Arena Guararapes, etc. Porém, nesse momento de verdadeira euforia no setor é preciso lembrar a responsabilidade dos novos no sentido de dignificar, cada vez mais, o sentido de sua tarefa, dando sua contribuição para que o teatro infantil, longe de ser considerado um teatro menor, passe a ter o seu verdadeiro caráter de maioria, tão grande e importante como o teatro para adulto, mesmo porque alguns grupos já estão se conscientizando disso, não existe diferença de natureza entre um gênero e outro, apenas os meios de linguagem e escrituras são diversificados e específicos. O caráter é o mesmo, o teatro como manifestação artística e resultado criativo é o mesmo, os caminhos da encenação é que possuem características diversificadas. Isso porque nenhum dos elementos de uma montagem infantil deve ser gratuito e/ou inconseqüente, se levamos em conta o processo dialético entre o espetáculo e a criança (público), dentro da evolução espontânea do jogo dramático. (...) há muita gente, aqui, que faz questão de rotular o seu trabalho de "teatro infantil" sem ao menos atentar para a implicação de responsabilidade inerente a esta significação. Resultado: são os espetáculos comerciais, com dubla-



Os Saltimbancos

gem, coreografias, palhaços, figuras de Walt Disney, efeitos especiais, etc e etc, mas totalmente vazios de conteúdo, que não acrescentam nada ao desenvolvimento da linguagem teatral da criança; ou a peças do tipo “participação”, onde a criança é estimulada a participar não emocionalmente, ou melhor ainda, não da compreensão e descoberta de valores, mas apenas fisicamente, dançando, cantando, pulando, batendo palmas, etc; há ainda recursos tais como delação, correria, gritaria, histeria coletiva, e após esse estado de excitação, deixá-la sair do espetáculo sem saber o que fazer com essa porção de estímulo que lhe foi jogada em cima; há, ainda, o falso didatismo de algumas montagens, naquele estilo tradicional de aulinhas, onde existe sempre um vilão, que no final se arrepende, e um herói, com uma distinção bem marcada entre o que é bom (e deve ser feito) e o que é mau (e deve ser evitado), como se a criança fosse incapaz de se colocar diante de um conflito, esquecendo que teatro é conflito, tensão, dilema, opção, tomada de decisão e de atitude, de ação. Claro que existe exceção e, somente para citar duas, poderíamos apontar

a produção que vimos, aqui em Pernambuco, nos últimos tempos: *Os Saltimbancos* pelo TAP, com direção de Adhemar de Oliveira, e *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, direção de José Francisco Filho, esta última, uma montagem das mais sérias e brilhantes que aqui foi feita nos últimos anos. (...) Para algumas outras produções, e a fim de não comprometerem o trabalho que vem sendo desenvolvido, aqui, no campo do teatro infantil, sugerimos que as intitulem de “shows infantis” (é menos comprometedor, e atenuante), o que não deixa de ser válido pelo seu sentido de divertimento, lazer, passatempo, porém que em momento algum devem ser confundidos com o teatro infantil, pois estão longe de merecê-lo.

A Revolta dos Brinquedos

